

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO JORNALISMO**

CALEBE ANDRADE DE BONI

**A PROFUNDIDADE EM ANÁLISES TÁTICAS DE FUTEBOL: UM COMPARATIVO
ENTRE O JORNALISMO ONLINE E O IMPRESSO**

CAXIAS DO SUL

2015

CALEBE ANDRADE DE BONI

**A PROFUNDIDADE EM ANÁLISES TÁTICAS DE FUTEBOL: UM COMPARATIVO
ENTRE O JORNALISMO ONLINE E O IMPRESSO**

Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul, apresentado como requisito para a obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Prof. Ms. Marcell Bocchese

CAXIAS DO SUL

2015

CALEBE ANDRADE DE BONI

**A PROFUNDIDADE EM ANÁLISES TÁTICAS DE FUTEBOL: UM COMPARATIVO
ENTRE O JORNALISMO ONLINE E O IMPRESSO**

Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul, apresentado como requisito para a obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Prof. Ms. Marcell Bocchese

Aprovado em ____ de ____ de 2015

Banca Examinadora

Prof. Ms. Marcell Bocchese
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof^a. Ms. Ana Maria Acker
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof^a. Dra. Marlene Branca Sólido
Universidade de Caxias do Sul – UCS

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por seu imenso amor por mim. Agradeço pelo relacionamento pessoal que posso cultivar com ele. Agradeço por seus princípios repassados através da Bíblia. Agradeço pela morte de seu único filho que possibilitou a vida eterna para todo aquele que nele crê.

Agradeço a minha esposa Thuyse por todo companheirismo neste trabalho que por vezes me privou de tempos especiais com ela. Agradeço pela forma como compreendeu esses meses de esforço. Agradeço pela casa em ordem e a comida na mesa em tempos que não pude ajudar.

Agradeço aos meus pais pelos esforços dedicados a este curso superior. Agradeço por desde cedo priorizarem o ensino em nosso lar. Agradeço pela acolhida quando surgiram as dificuldades. Agradeço pela orientação quando as dúvidas tomavam conta. Agradeço pela correção quando os rumos levavam para outros caminhos.

Agradeço ao meu irmão Davi pelo constante incentivo. Agradeço pelas conversas que levaram a reflexões presentes neste trabalho.

Agradeço aos amigos que compreenderam o distanciamento nesta fase de dedicação ao trabalho.

Agradeço aos inúmeros profissionais do jornalismo e colegas de academia com quem pude conviver nesse período. Agradeço pelas formas singulares com que contribuíram para a conclusão desta monografia.

Agradeço ao professor e orientador Marcell Bocchese pela constante disponibilidade e apoio no desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço ao coordenador do curso de Jornalismo, Álvaro Benevenuto Júnior, e aos demais professores pelas lições de jornalismo e de vida durante esses seis anos de curso superior.

*Tudo bem, Até pode ser,
Que os dragões sejam moinhos de vento.
Muito prazer, Ao seu dispor,
Se for por amor às causas perdidas...
Por amor às causas perdidas.*

Humberto Gessinger / Paulo Galvão

RESUMO

A monografia se propõe a responder a seguinte questão norteadora: Nas plataformas de Zero Hora, qual é o grau de profundidade das análises táticas de futebol praticadas pelo jornalismo impresso em comparação ao jornalismo online? O objetivo geral foi analisar a profundidade dos conteúdos esportivos que abordam futebol no jornalismo impresso em comparação com o jornalismo online. Enquanto os objetivos específicos são: conceituar jornalismo esportivo; compreender análises táticas de futebol e seu aproveitamento editorial; investigar os motivos que distanciam o tema das pautas cotidianas do jornalismo esportivo e verificar os espaços concedidos para o tema no jornalismo impresso e no jornalismo online. Na pesquisa bibliográfica, o jornalismo impresso baseou-se nas publicações de Dines (1986) e Rossi (1980). Enquanto, o jornalismo online partiu dos estudos de Ferrari (2007; 2009) e Pinho (2003) A abordagem do jornalismo esportivo utilizou como base os seguintes autores: Barbeiro e Rangel (2006), Cecconi (2013), Coelho (2004) e Unzelte (2009). Para construir esta monografia, a metodologia desenvolveu-se através de uma pesquisa bibliográfica seguida de entrevistas em profundidade. O método de análise de conteúdo foi utilizado para a análise comparativa do tema nas plataformas impressa e online do jornal Zero Hora. A orientação geral da análise é qualitativa, entretanto notaram-se alguns aspectos quantitativos. Como principais resultados, dentre outros, verificaram-se as diferenças no grau de profundidade das análises táticas de futebol nas plataformas mencionadas.

Palavras-chave: Jornalismo Impresso. Jornalismo Online. Jornalismo Esportivo. Análises Táticas de Futebol.

ABSTRACT

This monograph aims to answer the following question: Within online and printed platforms of Zero Hora, how deep is the analyses of soccer tactics done by printed journalism in comparison of online journalism? The main goal of this study is to analyze the depth of sports content that address to soccer on printed and online journalism. Meanwhile, the specific goals are: conceptualize sports journalism; understand soccer tactics analysis and its editorial use; investigate the reasons that set apart the daily issues from the sports journalism and check the granted spaces to the subject in printed and online journalism. In the bibliographic research, printed journalism focused on the following authors: Dines (1986) and Rossi (1980). While online journalism focused on the studies of Ferrari (2007; 2009) and Pinho (2003). The approach on sports journalism used as main authors Barbeiro and Rangel (2006), Cecconi (2013), Coelho (2004) and Unzelte (2009). To help in the development of this study, a bibliographic research was developed, then based on personal interviews, that were used to develop a methodological technique, a comparison of how deep is the subject approached by Zero Hora platforms. The orientation of the analyses is qualitative, however it was noticed some quantitative aspects. As main results, among others, the difference in the degrees of depths of the analyzes tactics were also verified in these platforms which where mentioned.

Keywords: Printed Journalism. Online Journalism. Sports Journalism. Analyzes Tactics Soccer.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - <i>Print screen</i> de matéria de Zero Hora em 23.04.15.....	54
Figura 2 - <i>Print screen</i> do site de Zero Hora em 22.04.15.....	56
Figura 3 - <i>Print screen</i> de detalhe na publicação de 22.04.15.....	57
Figura 4 - <i>Print screen</i> da matéria de Zero Hora em 02.05.15.....	60
Figura 5 - <i>Print screen</i> de detalhe gráfico da matéria de Zero Hora em 02.05.15.....	61
Figura 6 - <i>Print screen</i> de matéria de Zero Hora em 27.04.15.....	66
Figura 7- <i>Print screen</i> do site de Zero Hora em 03.05.15.....	69
Figura 8 - <i>Print screen</i> de detalhe na publicação de 03.05.15.....	70
Figura 9 - <i>Print screen</i> de ilustração na publicação de 03.05.15.....	71
Tabela 1 - Levantamento quantitativo das edições de 25.04.15 e 02.05.15.....	59
Tabela 2 - Levantamento quantitativo do site em 25.04.15 e 02.05.15.....	63

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 PLATAFORMAS DE PESQUISA	13
2.1 JORNALISMO IMPRESSO	14
2.2 JORNALISMO ONLINE.....	21
3 A EDITORIA	31
3.1 OBSERVAÇÕES TÁTICAS DE FUTEBOL.....	36
3.2 ESPAÇOS NO IMPRESSO.....	42
3.2 ESPAÇOS NO ONLINE	44
4 DISSECANDO O TEMA	46
4.1 METODOLOGIA	46
4.2 CONTRASTE: TEORIA X ENTREVISTA X RECORTE.....	53
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	76
ANEXOS	81
ANEXO I - CD (PROJETO I, MONOGRAFIA E MATÉRIAS ANALISADAS)	81

1 INTRODUÇÃO

A monografia desenvolve-se, em primeiro lugar, a partir da paixão do pesquisador pelo jornalismo esportivo. Nesta linha, o tema tratado será as Análises Táticas de Futebol: um comparativo entre o jornalismo impresso e o jornalismo online. Durante a fase de projeto deste trabalho, o tema foi delimitado como o espaço e a profundidade das análises táticas de futebol no jornalismo esportivo impresso e online.

Entende-se que a temática de estudo se justifica ao analisar-se a imprensa brasileira e perceber o tradicional espaço destinado à editoria de esportes. As diferentes mídias dedicam esforços a um público ávido por informações que sustentam uma paixão nacional nomeada futebol. Em pesquisa prévia, verificou-se que a bibliografia acerca do tema ainda é escassa. A editoria de esportes também sofre com o preconceito de quem a enxerga como uma promotora de assuntos voltados às classes econômicas menos abastadas. O trabalho destina-se aos acadêmicos e demais interessados que buscam uma visão aprofundada sobre o conteúdo esportivo divulgado no jornalismo impresso e no jornalismo online. A ênfase da monografia concentra-se no espaço e na profundidade oferecida às análises táticas de futebol nos veículos tradicionais de imprensa.

A questão norteadora desta monografia é: Nas plataformas de Zero Hora, qual é o grau de profundidade das análises táticas de futebol praticadas pelo jornalismo impresso em comparação ao jornalismo online?

Para responder a esta questão, o objetivo geral foi o de analisar a profundidade dos conteúdos esportivos que abordam futebol no jornalismo impresso em comparação com o jornalismo online. Para atingir o objetivo geral, estipularam-se os seguintes objetivos específicos: conceituar jornalismo esportivo; compreender análises táticas de futebol e seu aproveitamento editorial; investigar os motivos que distanciam o tema das pautas cotidianas do jornalismo esportivo e verificar os espaços concedidos para o tema no jornalismo impresso e no jornalismo online.

A definição da questão norteadora resultou na projeção de quatro hipóteses para sua resposta: Os jornalistas esportivos não estão capacitados para escrever e opinar sobre as análises táticas de futebol; Os diretores e editores das redações barram as matérias com conteúdo tático por acreditar que não repercutem no cotidiano do leitor; Para os editores de Zero Hora, tanto no impresso, quanto no

online, as análises táticas de futebol não despertam o interesse por parte do público; A linguagem do jornalismo impresso dificulta a publicação de conteúdos voltados para as análises táticas de futebol, por outro lado, a linguagem do online facilita a abordagem através de infográficos e outras ferramentas exclusivas da rede.

A metodologia que utilizada inicia na pesquisa bibliográfica sugerida por Lakatos e Marconi (2011). Depois, a monografia contará com o suporte de entrevistas em profundidade com os editores de esportes, do online e do impresso, de Zero Hora. As entrevistas em profundidade encontram sua base acadêmica em Duarte e Barros (2005). Por fim, pretende-se utilizar a análise de conteúdo para comparar a profundidade dos conteúdos táticos de futebol no jornalismo impresso e no jornalismo online. A análise de conteúdo toma como base os princípios de Bardin (2011) e deverá promover uma análise qualitativa do tema, embora alguns aspectos foram analisados por meio quantitativo.

O capítulo nomeado *Plataformas de Pesquisa* aborda as principais características da mídia impressa e da mídia online, além de ressaltar diferenças de linguagem e perspectiva do público. Nesta monografia, os conceitos de jornalismo impresso utilizam como base os seguintes referenciais teóricos: Bahia (1990), Dines (1986), Lage (2002), Rossi (1980), Traquina (2004; 2005), entre outros. Enquanto isso, o jornalismo online é analisado a partir dos seguintes autores: Canavilhas (2001), Ferrari (2007; 2009), Johnson (2001), Lévy (1999), Miranda (2004), Pinho (2003), entre outros.

Por outro lado, o capítulo intitulado *A Editoria* trata do segmento de jornalismo esportivo. Nos subitens, as análises táticas de futebol e seus espaços na mídia são abordados. Neste ponto, os principais referenciais teóricos são: Barbeiro e Rangel (2006), Cecconi (2013), Coelho (2004), Unzelte (2009), entre outros.

No último capítulo, chamado *Contraste: Teoria x Entrevista x Recorte*, além de expor e detalhar a metodologia da pesquisa é onde a análise aplica a metodologia na temática de análises táticas buscando responder a questão norteadora. O referencial teórico consiste nos autores citados nos parágrafos reservados aos capítulos anteriores, juntamente, com os entrevistados Araújo (2015) e Pradella (2015).

Desse modo, o pesquisador busca cumprir todas as etapas estipuladas na monografia e averiguar a validade das hipóteses frente à questão norteadora. Esta

monografia tem como missão aprofundar a discussão sobre conteúdos relevantes dentro da editoria de esportes no chamado país do futebol.

2. PLATAFORMAS DE PESQUISA

As análises táticas de futebol recebem aproveitamentos diferentes nas plataformas de impresso e online. Embora muitos veículos atuem nos dois meios, as plataformas exigem particularidades em suas linguagens que visam ao público leitor.

O jornalismo impresso costuma priorizar o texto em conjunto com fotografias. A prática leva em consideração um público que opta pelo tradicional. Enquanto no jornalismo online, a multimídia e as ferramentas gráficas são amplamente divulgadas tendo em vista que os jovens invadem a rede de computadores e necessitam de portais que entendam sua velocidade.

O jornalismo dedica-se a selecionar fatos em meio a um turbilhão de acontecimentos diários. Após esta apurada seleção, é necessário preocupar-se com o formato de apresentação desses acontecimentos. Neste ponto, o jornalismo exige profissionais perfeccionistas que busquem as melhores histórias e as contem com exatidão e criatividade.

O jornalista, em qualquer plataforma, cumpre sua função quando estuda o tema em discussão e possui conhecimento específico para dissertar sobre o acontecimento. A análise antecipada é vital para qualquer editoria, seja ela de esporte, política, economia ou qualquer outra segmentação.

A ciência da Comunicação torna-se apaixonante por sua imprevisibilidade. O profissional inicia o expediente sem imaginar a cobertura que estará executando ao final do dia. A ausência da rotina é um dos motivos para a intensa procura de jovens pelo curso.

Jornalismo é a busca de circunstâncias. [...] Técnica que se destina, antes de tudo, ao estudo e tratamento dos fatos, é dinâmica porque lida com o material mutante. [...] O jornalismo acompanha, assim, as demais ciências humanas, que, ao contrário das outras, talvez, até mais exatas, são estáticas. (DINES, 1986, p. 25).

O jornalismo pode ser encarado como uma técnica, mas o seu papel na sociedade está intimamente ligado às emoções e aos conflitos de ideologia. Talvez, essa seja mais uma das razões que torna este curso tão apaixonante. Para Rossi (1980, p. 07), “jornalismo, independentemente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes”.

2.1. JORNALISMO IMPRESSO

Por sua vez, o jornalismo impresso tem claramente a notícia como sua matéria prima. Segundo Traquina (2004, p. 19), “um exame da maioria dos livros e manuais sobre jornalismo define as notícias em última análise como tudo o que é importante e/ou interessante. Isto inclui praticamente, a vida, o mundo e *outer limits*.”.

Com essa definição, o jornalismo impresso prima pela apresentação de textos atrativos e relevantes. Especialmente quando o assunto é esporte, observa-se uma constante repetição de pautas no jornalismo impresso. Em todas as semanas, notam-se matérias nos periódicos sobre os resultados dos jogos, dias de treinamento, aspectos políticos dos clubes e problemas de vestiário. De acordo com Dines (1986, p. 59), “o jornal passa a ser um incessante bumerangue cultural: a audiência não recebe novas cargas de informações dos veículos e estes recebem do seu público, cada vez mais reprocessadas e usadas, as mesmas mensagens”. O aficionado por futebol acaba cansando-se das mesmas discussões e migra para outras mídias.

As análises táticas são raras nas páginas dos jornais impressos. O tema que atrai atenção dos fãs na internet não recebe a devida atenção de editores e repórteres do impresso. Os motivos que levaram a partida ao resultado final são esquecidos, enquanto as obviedades são amplamente discutidas.

De acordo com Rossi (1980, p. 25), “A norma básica, central, diz que toda reportagem deve responder a seis perguntas fundamentais (traduzida dos manuais norte-americanos): quem, quando, onde, como, por quê, o quê.” Apesar das seis perguntas que ditam o *lead*, o jornalismo impresso poderia ressaltar o ‘porquê’ como diferencial para os outros veículos.

Mas, no universo informativo atual, uma dessas seis perguntas deveria merecer prioridade sobre as outras: por quê. O porquê de um determinado fato envolve uma investigação profunda sobre seus antecedentes e consequências e uma razoável soma de conhecimentos sobre o tema tratado. E é imperioso que a imprensa se debruce sobre os porquês, na medida em que rádio e televisão têm limitações congênicas para invadir esse terreno. (ROSSI, 1980, p. 35).

Entre a notícia e o receptor, encontra-se o jornalista. O profissional formado pelas academias entra no mercado de trabalho carregando sua visão de mundo.

Para entendermos o produto final estampado nas capas dos jornais, é necessário entender a categoria dos jornalistas.

Desde cedo, as academias ensinam os estudantes a observarem criticamente a sociedade em que estão inseridos. A partir deste marco, forma-se uma categoria que possui seus posicionamentos sobre todos os temas em discussão. Desse modo, o jornalista vive sob pressão. A oposição às suas ideias pode vir dos proprietários dos veículos, dos colegas de redação e até mesmo da opinião pública que pode crucificar profissionais por pequenos deslizes.

O jornalista ocupa papel fundamental em uma sociedade democrática. Através dele, as pessoas concebem suas opiniões sobre o mundo que as rodeia. Segundo Traquina (2005),

[...] Limpmann (1922) defendia que os media são a principal ligação entre os acontecimentos no mundo e as imagens que as pessoas têm na cabeça acerca desses acontecimentos, antecipando-se ao surgimento da teoria do agendamento, que postulava um poder dos media mais limitado. (TRAQUINA, 2005, p. 15).

O critério para seleção de notícias também é amplamente discutido por pesquisadores. A notícia é o principal produto do jornal impresso. Apesar da inserção do imediatismo da internet, milhares de leitores esperam pela capa do jornal no dia seguinte. As razões para que tais notícias ocupem a primeira página respeitam uma série de critérios técnicos, ideológicos e financeiros.

O inesperado e o polêmico costumam receber prioridade até mesmo na editoria de esportes. Muitas vezes, o resultado do jogo não é o maior destaque. Em seu lugar, questões culturais como o racismo no esporte podem render matérias de destaque por mais de sete dias consecutivos. Outros exemplos de capas podem ser encontrados em relacionamentos amorosos entre jogadores e celebridades, confrontos de egos e julgamentos em tribunais.

Os valores-notícia são um elemento básico da cultura jornalística que os membros desta comunidade interpretativa partilham. Servem de “óculos” para ver o mundo e para o construir. Sublinhamos, como o historiador Mitchell Stephens, as “qualidades duradouras” do que é notícia ao longo do tempo: o insólito, o extraordinário, o catastrófico, a guerra, a violência, a morte, a celebridade. (TRAQUINA, 2005, p. 94).

O aprofundamento das pautas é incentivado por pesquisadores da área. A matéria não deve se limitar ao fato e algumas breves e superficiais declarações e

desdobramentos sobre a temática. O verdadeiro exercício do jornalismo ultrapassa o trivial. Conforme Rossi (1980, p. 37), “mas é razoável supor que o universo restrito dos leitores de jornais busque um aprofundamento e queira entender melhor o que aconteceu”.

No atual contexto do mercado, o jornalismo impresso persegue um diferencial em relação às outras mídias. Enquanto a televisão conta com a sincronia perfeita entre imagem e som, o rádio desfruta de seu imediatismo e penetração em zonas rurais, e a internet de sua mobilidade, o impresso segue em busca de sua reinvenção. O jornal poderia ocupar o espaço do veículo que aprofunda as pautas. Desse modo, o seu leitor poderia encará-lo como um suporte técnico para as discussões do cotidiano.

A começar do fato de que a imprensa não vive apenas dos episódios ocorridos num determinado dia, mas também da discussão, do debate e da análise de acontecimentos ou situações intemporais [...] Segunda limitação da pauta: ela, no geral, reflete a idealização das pessoas que permanecem nas redações e não daquelas que estão em contato direto com os fatos ou as pessoas geradoras das notícias. Idealmente, a pauta deveria ser composta de fora para dentro das redações. (ROSSI, 1980, p. 17-19).

A criatividade será essencial para a criação de um novo modelo de veículo impresso. Desde a década de 1980, os periódicos enfrentam crises no país. O norte desta metamorfose consiste na discussão de conteúdo e na reestruturação gráfica. O jornal impresso deve ser visualmente atrativo para seu consumidor.

Dentro da editoria esportiva, as análises táticas podem tornar-se uma forma de valorizar o jornal. O fã de esportes encontra novidades sobre seu clube do coração a cada minuto na internet, utilizando o *Twitter* como ferramenta de busca. Na comparação, o jornal impresso só divulgará essas novidades no próximo dia. Obviamente, os periódicos acabam perdendo nessa guerra pela audiência. Desse modo, o impresso deve buscar novos fatos para captar a atenção do leitor.

A intromissão de um fato novo num determinado sistema de veículos altera o processo como um todo. É o que agora está acontecendo com a crise mundial da escassez. A veiculação impressa, até então caracterizadamente extensiva, tende a tornar-se intensiva. [...] É hora do valor. O papel do jornal é sua valorização constante. (DINES, 1986, p. 75).

Neste contexto, as análises táticas de futebol no jornalismo esportivo também devem priorizar o conteúdo gráfico. Assim, o leitor acostumado a folhar as páginas

da editoria, poderá encontrar um novo gosto nas matérias a partir de um *design* atrativo. Além disso, a aplicação visual facilita a compreensão do conteúdo tático.

Aqui entrarão o talento, a criatividade e a imaginação do jornalista para produzir um novo tipo de veículo diário. A crise que não provocamos, mas que estamos enfrentando, só poderá ser superada com uma disposição renovada. E um jornal estruturalmente diferente – menos descartável pelo preço e menos desperdiçado pelo conteúdo – deverá significar uma alteração em todo o processo da comunicação. Nos sistemas humanos, nada ocorre isolada ou gratuitamente, tudo tem retorno e consequências. (DINES, 1986, p. 40).

O jornalismo impresso e as análises táticas podem estar mais próximos do que se imagina. Se cada veículo deve combinar sua plataforma de atuação e linguagem, os periódicos devem usar de ferramentas gráficas para atrair e ampliar seu público leitor. Assim, o jornal impresso manteria seu público fiel e captaria as novas gerações interessadas por novidades nas velhas páginas. As análises táticas aproximam-se do jornalismo investigativo dentro da editoria esportiva. A mera preocupação com resultados e números acerca de uma partida torna-se superficial perante a análise dos motivos que levaram os times a tais números.

O jornalismo investigativo não é apenas jornalismo de sensações ou escândalos. Relaciona-se com o jornalismo interpretativo ou analítico, pois, ao inquirir sobre as causas e origens dos fatos, busca também a ligação entre eles e oferece a explicação de sua ocorrência. (DINES, 1986, p. 92).

As análises táticas de futebol frequentemente precisam de uma imagem ou infográfico para tornar o conteúdo compreensível ao público em geral. Desse modo, o jornalismo impresso e as análises táticas podem aliar-se em prol de novidades nas editorias de esportes.

O jornalismo é atividade e serviço público que se adapta a diferentes meios tecnológicos e convive com os usos econômicos e culturais desses meios. No entanto, há diferentes mecanismos perceptivos de quem lê, contempla ou ouve, e as circunstâncias da percepção variam do segundo plano de quem dirige automóvel com o rádio sintonizado, até o primeiríssimo plano de quem imerge no ambiente de um programa de TV em tela ampla. (LAGE, 2002, p. 162).

O pioneirismo quebra paradigmas do mercado em qualquer área. No jornalismo, a regra também é válida. O veículo que apostar em um conteúdo aprofundado sobre tática no futebol poderá colher bons frutos. Para isso, pode

utilizar como matéria-prima campeonatos nacionais e internacionais. Percebe-se no exterior uma discussão maior de questões relacionadas às táticas na modalidade.

A especialização do jornalismo esportivo é uma tendência nesta década. Nota-se a criação de rádios com vinte e quatro horas de conteúdo voltado ao futebol. Na televisão paga, os canais exclusivos de esporte florescem com o auxílio de grupos internacionais. Diante desses movimentos, pode-se afirmar que existe um público ávido por informações esportivas. Os fãs anseiam por novidades dentro do jornalismo impresso para retomar a leitura cotidiana dos periódicos.

A hierarquização da mídia jamais é hegemônica. Quanto mais cresce um jornal, mais brechas deixa no seu rastro, quanto mais se amplia uma publicação mais espaço deixa para competidores segmentados. No rastro de um veículo vitorioso em processo de expansão fatalmente encontraremos nichos e oportunidades sedutoras. O oligopólio da informação numa sociedade realmente democrática é difícil mas não impossível. (DINES, 1986, p. 86).

O pioneirismo jornalístico precisa andar junto com a continuidade das pautas. Um jornal não começa e nem acaba em uma edição. As análises táticas de futebol devem ser trabalhadas durante várias semanas para cativar o público leitor. Com o passar do tempo, o receptor da editoria terá condições de opinar sobre esse ângulo de reportagem. Assim, a publicação de uma matéria com conteúdo tático por semana não pode ser considerada um investimento do veículo na temática.

O jornalismo diário é um processo conjunto a interligar cada edição. A qualidade e as características de um jornal são contínuas e superam a barreira das 24 horas. Todo jornal continua amanhã. Um título conduz ao texto, que leva a outro título, que, por sua vez, faz virar a página, e assim por diante, até a edição do dia seguinte. (DINES, 1986, p. 48).

O jornalismo impresso carrega consigo a responsabilidade de descobrir e contar histórias ao seu público leitor. A linguagem do meio deve priorizar o uso de narrativas que aproximem o veículo do receptor das mensagens. Historicamente, o ser humano possui um interesse por conhecer histórias e este desejo encontra-se concentrado no ato de folhar um jornal. Desse modo, o jornalista esportivo também deve buscar fontes ocultas e fatos para recheiar seu texto.

Os jornalistas vêem os acontecimentos como 'estórias' e as notícias são construídas como 'estórias', como narrativas, que não estão isoladas de 'estórias' e narrativas passadas.[...] Poder-se-ia dizer que os jornalistas são

os modernos contadores de 'estórias' da sociedade contemporânea. (TRAQUINA, 2004, p. 21).

Mesmo em meio a discussões táticas sobre futebol, é importante que o redator simplifique no uso do vocabulário. Obviamente, a linguagem utilizada pelo treinador com seus atletas não deve ser repetida nas páginas de um periódico. A recomendação é simplificar e utilizar recursos gráficos para facilitar a compreensão do leitor, que muitas vezes realiza a leitura do jornal em breves minutos e deseja receber uma análise de fácil entendimento do tema tratado.

A linguagem da reportagem deve ser acessível a qualquer interessado. Ainda que o jornalismo esportivo seja dirigido a um público-alvo direcionado, os termos técnicos não podem poluir o entendimento. (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 22).

A apuração metódica dos fatos precisa ser uma constante em todas as esferas do jornalismo. Na mesma linha, o jornalismo impresso necessita de extremo cuidado nesta fase de produção da notícia. Uma capa de jornal com um erro de apuração afeta toda credibilidade do veículo. Enquanto no jornalismo online, uma atualização poderia minimizar os danos.

A editoria de esportes costuma repercutir os resultados dos jogos em dias que sucedem as partidas. O jornalista que acompanha o espetáculo deve estar atento a todos os detalhes da partida como trio de arbitragem, goleadores, substituições e também esquemas táticos. De acordo com Rossi (1980, p. 48), “a coleta de informações precisas, acuradas e, dentro do possível aprofundadas é – ou, ao menos, deveria ser – o foco central do jornalismo”. Vale lembrar, que nesta fase toda conferência é bem recebida.

A apuração é o mais importante para a notícia, da mesma forma como a notícia é o mais importante para o jornalismo. Elemento essencial no processo da informação, a apuração em jornalismo quer dizer o completo levantamento dos dados de um acontecimento para se escrever a notícia. É o processo que antecede a notícia que leva à formulação final do texto. (BAHIA apud FERRARETTO, 2001, p. 103).

A editoria de esportes de um jornal diário pode abordar um jogo por diversas perspectivas. As páginas podem focar as celebridades que assistiram ao jogo, os bastidores políticos de um clube, o relacionamento do treinador com os seus atletas, a criação de heróis e vilões através de uma crônica da partida. Dentro dessas

possibilidades, surgem também as análises táticas como ângulo de visão do jornalista. O detalhamento que o jornalista dispensará ao jogo influenciará na qualidade de sua matéria.

No jornalismo impresso, segundo Sims (1999), o jornalista pode ser um narrador que conta uma história em detalhes sem interferir no conteúdo, como também alguém que usa seus próprios filtros para contá-la, porém sempre com a preocupação de evitar distorções. (SIMS apud PAN, 2014, p. 32).

Se admitirmos que o jornalismo impresso precisa de revolução para se manter competitivo no mercado, as mudanças começam pelo artista. As academias devem esforçar-se para formar profissionais capacitados para escrever com propriedade sobre os temas discutidos pela sociedade.

Em uma época em que se discute a exigência do diploma para os jornalistas, o profissional que traçar esse perfil diferenciado tem lugar reservado em qualquer redação do país.

O jornalista, no entanto, preferirá o caminho mais difícil, mas para o qual está perfeitamente instrumentado: o engenho e a imaginação para criar um novo jornalismo. O novo jornalismo preconizado é um velho estilo de escrever, adaptado ao que produzem aqueles intelectuais e seus companheiros, entre a crônica, a reportagem e o depoimento. Não é uma nova concepção para o jornal, nem nova linha de trabalho ou atitude profissional. É um gênero ao qual podem aderir apenas alguns grandes nomes, cujo peso na assinatura faz com que qualquer jornal ou revista dispute seus trabalhos, seja qual for o estilo em que escrevam. (DINES, 1986, p. 88-89).

A criatividade deve ser um diferencial desse novo jornalista. Os calouros das redações não precisam seguir os antigos modelos. É preciso inovar em uma era onde o jornal impresso concorre com as notícias imediatas da internet. As pautas tradicionais precisam ser rediscutidas. Os editores e repórteres têm o compromisso de levar um conteúdo diferente e aprofundado para os seus assinantes. O imediatismo do online não pode atrapalhar o detalhamento do jornalismo impresso.

Como concorrer com o bombardeio de informações que o leitor-torcedor recebe diariamente, vindo da televisão, do rádio e da Internet, se você trabalha em veículos impressos, que lutam contra o tempo, como jornais e revistas? A única saída para isso é inovar na abordagem, ter ideias diferentes, criativas, que uma vez mais passam necessariamente pela elaboração de uma boa pauta. (UNZELTE, 2009, p. 26).

O país do futebol pode reinventar sua imprensa esportiva. Na segunda década do segundo milênio, os leitores parecem saturados de matérias supérfluas sobre jogadores de futebol. O caminho pode ser o real debate sobre o futebol. Neste espaço, colocam-se as análises táticas sobre o jornalismo esportivo nos periódicos.

O jornalismo esportivo diário é, na realidade, um jornalismo de variedades, amenidades, cujo tema não é o esporte em si, mas os seus conglomerados e actantes (sic) (personagens) que compõem essa rede mercadológica. Não existe, no jornalismo factual, informação sobre os esportes, existe propaganda sobre o esporte, publicidade de marcas e logos, propaganda ideológica sobre os suas relações de poder. Sensacionalismo e merchandising. (MESSA, 2005, p. 03).

O desafio do jornalismo impresso passa pelo aprofundamento de temáticas ao mesmo tempo em que mantém e expande seu público leitor.

2.2 JORNALISMO ONLINE

O surgimento da internet alterou paradigmas da sociedade contemporânea. A rápida inserção da rede nos relacionamentos pessoais, acadêmicos e corporativos criou o ciberespaço. Através da conexão mundial entre os computadores, compartilham-se informações, debatem-se problemas e sugerem-se soluções.

A semente da rede foi plantada no período pós-Segunda Guerra Mundial. Pesquisadores notavam que a quantidade de informação disponível crescia em escalas exponenciais, enquanto a organização dessas informações necessitava de um novo sistema. Quanto ao nascimento da internet, Miranda (2004) relata:

A rede gradualmente ultrapassaria os limites militares, alcançando as universidades e, mais tarde, o conjunto da sociedade, quando já passaria a ser conhecida como Internet. Portanto, o ciberespaço, que dela surge, é primordialmente um meio de comunicação originado de uma rede de redes de computadores. O que essas redes possuem em comum é o protocolo que permite que elas se comuniquem umas com as outras. Deste modo, a internet é integrada por computadores que possuem uma língua comum, esse protocolo. (MIRANDA, 2004, p. 19).

Na última década, o veículo se concretizou como meio democrático aberto para abordagens não tradicionais e pouco habituais. As barreiras econômicas não impossibilitaram que as classes menos abastadas tivessem acesso às informações divulgadas na rede. Em diferentes contextos e ambientes, o computador passou a

unir pessoas separadas por fronteiras territoriais e financeiras. Embora, a exclusão digital siga existindo.

Nesta que poderia ser chamada a era da internet, as relações humanas são mediadas por computadores e outros adventos da tecnologia. A interface alterou as formas de pensamento e comunicação na sociedade contemporânea. Johnson (2001) define o termo interface e suas implicações preliminares:

Em seu sentido mais simples, a palavra se refere a softwares que dão forma à interação entre usuário e computador. A interface atua como uma espécie de tradutor, mediando entre as duas partes, tornando uma sensível para a outra. Em outras palavras, a relação governada pela interface é uma relação semântica, caracterizada por significado e expressão, não por força física. (JOHNSON, 2001, p. 17).

Assim como a sociedade, o jornalismo passou por uma metamorfose com o surgimento do novo meio de comunicação com características diferentes dos tradicionais. De acordo com Miranda (2004, p.11), “É um meio de comunicação autônomo – e ao mesmo tempo integrado – que vem a ser somado ao tripé tradicional da imprensa, rádio e televisão.”.

O jornalismo *online* alterou profundamente o cotidiano das redações acostumadas com o lidar do impresso, televisivo e radiofônico. Os princípios de temporalidade e localização foram revistos. A portabilidade é um pilar desse meio de comunicação.

Atualmente, a divulgação de uma informação não pode aguardar a publicação por 24 horas. O receptor anseia por receber atualizações em tempo real, seja de uma tragédia aérea na Ásia ou dos jogos do seu time pelo Campeonato Gaúcho de Futebol. O local em que se encontra esse receptor também deixou de importar. Com o avanço da telefonia móvel, informações regionalizadas devem chegar ao alcance de todo planeta por meio da internet. Segundo Ferrari (2007),

A gente não percebe isso no dia-a-dia, mas o suporte não importa mais, o hardware não importa mais. Se usarmos um computador pessoal, notebook, palm, celular ou uma geladeira inteligente, o que importa é ter a informação ao alcance das mãos, ou seja, onde você precisa, na hora em que precisa. (FERRARI, 2007, p. 08).

Esta nova mídia modifica os antigos modos de pensar acerca do jornalismo. O leitor não deseja desembolsar alguns reais na compra de um periódico ou revista, ele prefere o acesso gratuito à informação no *online*. Entende-se que o receptor

pode não se importar com alguns conteúdos publicitários ocupando a *homepage* de um portal, tolerando a publicidade, desde que não tenha que pagar para acessar notícias.

Outra mudança da inserção da internet está no público-alvo e busca por conteúdo. Os jornais impressos formulam pesquisas para definir um perfil do público que lê suas matérias, enquanto a vastidão dos usuários da internet procura por assuntos específicos dentro do universo *online*. Ferrari (2009) analisa essas transformações:

O potencial da nova mídia tornou-se um instrumento essencial para o jornalismo contemporâneo e, por ser tão gigantesco, está começando a moldar produtos editoriais interativos com qualidades atraentes para o usuário: custo zero, grande abrangência de temas e personalização. (FERRARI, 2009, p. 38).

A internet consagra-se como a esfera pública moderna. Nela, os usuários abordam problemas contemporâneos, criam fóruns segmentados, e promovem eventos nas redes sociais que culminam em protestos nas ruas. O digital torna-se cada vez mais real.

Por outro lado, a sociedade contemporânea demonstra radicalismo nas redes sociais. A democracia da internet é confrontada por dominadores do discurso. O meio que deveria fomentar a discussão equilibrada de questões relevantes, muitas vezes, dá origem a atos de violência verbal e física. A linha que separa os dois lados é cada vez mais tênue. Miranda (2004) disserta sobre essas ameaças à liberdade da internet:

[...] verifica-se nas interações um “déficit de reflexão” e de escuta respeitosa aos outros, a exclusão de vários e a dominação do discurso por determinados indivíduos e grupos. Essas limitações levam ao questionamento da própria noção-chave adotada por este livro, a de esfera pública, cujos requisitos fundamentais para sua existência – autonomia do Estado e do poder econômico, tematização e crítica das pretensões de validade, reflexão, tomada ideal de posição, sinceridade, igualdade discursiva e inclusão – estariam esvaziadas ou ameaçadas. (MIRANDA, 2004, p. 17-18).

O jornalismo *online* também carrega as incertezas de uma nova linguagem. Os recursos à disposição são muitos e a utilização deles está intimamente ligada com o formato dos textos para a web. Salienta-se que o reaproveitamento de

linguagem do impresso, rádio e televisão não produz bons frutos no meio digital. É necessário inovar no formato voltado para um público ávido por tecnologias.

De acordo com Pan (2014, p.37), “o grande desafio do webjornalismo é a procura de uma linguagem que ofereça informações adaptadas e com maior objetividade.”. Neste contexto, surgem as análises táticas de futebol dentro dos sites esportivos que tratam de futebol. O conteúdo, que conta com a colaboração da linguagem do *online*, pode ser facilmente interpretado com o apoio de gráficos, ilustrações ou fotos que registrem os movimentos dos jogadores dentro das quatro linhas.

A linguagem da internet não está completamente definida. A fase de experimentações permanece aberta. Entretanto, o público já mostra simpatia por ferramentas como *hiperlink* e hipermídia. Um bom texto para web não acaba em si mesmo. O leitor deve notar hiperlinks que o conduzem para novos caminhos dentro de temas paralelos. Pinho (2003) define o termo hiperlink:

Conexão, ou seja, elementos físicos e lógicos que interligam os computadores da rede. São endereços de páginas, ponteiros (vínculo ou link) de hipertexto ou palavras-chave destacadas em um texto, que quando “clikadas” nos levam para o assunto desejado, mesmo que esteja em outro arquivo ou servidor. Na *www* (sic), uma palavra destacada indica a existência de um link, que é uma espécie de apontador para outra fonte de informação. Escolhendo esse link, obtém-se a página de informação que ele designava que pode, por sua vez, tem também vários links. (PINHO, 2003, p. 241).

Através da hipertextualidade, o leitor pode escolher o assunto que lhe desperta interesse dentro de uma reportagem. Assim, o usuário torna-se parte da notícia e não apenas um receptor estático de informações. O leitor passa a conectar ideias, buscar outras fontes e confrontar vozes dissonantes através do imenso banco de dados dessa rede.

As novas gerações possuem forte predileção pela internet como meio de comunicação. Talvez, a hipertextualidade seja o grande expoente do online para este novo público.

Os leitores podem não apenas modificar os links, mas também acrescentar ou modificar (textos, imagens, etc.) conectar um hiperdocumento a outro e dessa forma transformar em um único documento dois hipertextos que antes eram separados ou, de acordo com o ponto de vista, traçar links hipertextuais entre um grande número de documentos. (LÉVY, 1999, p. 57).

O jornalista que cria uma narrativa para a internet deve atentar aos hipertextos. Nele, o leitor tem pontos de conexão para outras matérias sobre um tema em comum. O profissional tem como intenção prolongar a visita do leitor em sua página. Assim, os pontos de conexão levam o usuário para um leque de assuntos relacionados. Pinho (2003) auxilia na construção de um hipertexto:

O hipertexto pode suscitar incontáveis combinações para o leitor e demandar um trabalho de exaustiva pesquisa para o seu criador. Por essas razões, Radfaher (1999:15) enumera cinco regras curtas que facilitam a construção de modelos simples de hipertexto: escreva pequenos textos, independentes entre si, mas com elementos em comum; marque todas as palavras de cada texto que possam servir de conexão com outros textos; crie tabelas de conexão, marcando, para cada texto, quais são os elementos que levam a ele e quais são os que saem dele; organize as ligações, evitando “afunilamentos”: textos com muitos pontos de entrada ou de saída; e estruture esses textos em uma hiper-retórcia dando ao visitante a falsa impressão de controle sobre os links, enquanto o leva para o ponto desejado. A notícia produzida para a Web com estrutura narrativa não-linear deve ser planejada por uma equipe de profissionais [...] como uso de ferramentas que facilitem a navegação, evitando confundir o leitor com excesso de links. (PINHO, 2003, p. 186).

O redator de textos para web também precisa utilizar recursos de outras mídias. A rede possibilita que recursos com audiovisual sejam utilizados dentro de textos. Assim, uma matéria salta aos olhos do leitor ganhando sua atenção. Segundo Pinho (2003, p.241) hipermídia trata-se de “links para imagens, sons e filmes em outros documentos, permitindo que o usuário se desloque para o outro local nomeado.”.

Ferrari (2009) analisa as novidades do discurso no meio:

A internet ainda está em gestação, a caminho de uma linguagem própria. Não podemos encará-la apenas como uma mídia que surgiu para viabilizar a convergência entre rádio, jornal e televisão. A internet é outra coisa, uma outra verdade e conseqüentemente uma outra mídia, muito ligada à tecnologia e com particularidades únicas. Ainda estamos, metaforicamente, saindo da caverna. (FERRARI, 2009, p. 45).

De acordo com Canavilhas (2001), o esqueleto para um bom texto de web deve conter elementos básicos como: discussão de pauta, perguntas a serem respondidas e uma pesquisa com relação aos recursos multimídias que podem ser utilizados para captar o leitor. Desse modo, o texto alcançará um caráter multimídia, através das combinações entre recursos de diferentes plataformas como textuais, sonoros, visuais e elementos gráficos. Segundo Ferrari (2007, p.109), “Hipermídia e

multimídia são conceitos utilizados até hoje para designar, também, uma região no cenário cultural na qual se manifestam vários trabalhos que utilizam as novas mídias, os meios digitais com mais de uma mídia.”.

Outro ponto chave do texto para web é a pesquisa histórica. Por exemplo, no comentário do comportamento tático da seleção brasileira de futebol com três atacantes, o jornalista esportivo pode recuperar, por meio de *links* ou infográficos, outros momentos na história em que o treinador optou por essa formação tática. O infográfico tem como missão interligar dados com as propriedades gráficas. Através dessa ferramenta, a compreensão da tática pode ser assimilada com facilidade pelo público.

A rede de computadores proporciona uma imensa base de dados. Cabe ao profissional dar significado a essas informações. Miranda (2004) sugere uma esquematização para as matérias voltadas para o online:

Um primeiro ponto refere-se à pauta. Assim como site exige planejamento, a boa matéria jornalística também. Essa é a função da pauta. Deve-se ter sempre uma hipótese, como ponto de partida para a matéria, a ser confirmada ou refutada; uma questão principal a ser respondida, um planejamento relacionado ao hipertexto e à navegação e um roteiro de perguntas essenciais a que o texto deve responder; além de itens relevantes sobre o assunto, histórico dos acontecimentos e histórias semelhantes, levando-se em conta a possibilidade de contextualização ou relação com outras matérias (a internet é um grande repositório de dados que devem ser aproveitados). Por último, *last but not least*¹, a escolha criteriosa das fontes. (MIRANDA, 2004, p. 67).

O texto para web também rompeu com características tradicionais utilizadas nos outros meios. A linearidade do texto foi extinta por muitos portais e *blogs*. A partir desta mudança, o leitor interfere diretamente no modo em que lê e compreende uma matéria, como exemplo: um usuário que busque uma informação superficial sobre futebol em um portal tradicional da mídia pode acabar chegando a um *blog* especializado sobre análises táticas do futebol argentino. Deste modo, sabe-se o ponto de partida de um leitor, mas não se consegue prever onde um simples clique pode terminar. Essa característica do meio é positiva e possibilita a dinâmica e o aprofundamento de temas.

Ferrari (2007) detalha essa ausência de linearidade nos textos do meio:

¹ Por último, mas não menos importante. Tradução nossa.

A ruptura com a lógica do texto, de seguir uma linearidade para ser compreendido, revela a autonomia das partes em relação ao todo, que o configura como uma percepção de interconectividade capaz de romper com o modelo de hierarquia, centralização, liderança, etc. O abandono desse centro regulador ao texto fomenta a perspectiva de pensar modelos de auto-organização como organismos dinâmicos, que promovem suas ações baseadas em princípios emergentes ou sistêmicos. (FERRARI, 2007, p. 76).

A linguagem da internet está essencialmente ligada com a velocidade. O leitor que acessa um *site* de notícias deseja saber o que está acontecendo no planeta naquele instante. Entretanto, a agilidade não pode atropelar a credibilidade e precisão do texto. A conferência das fontes e dados é primordial em qualquer plataforma do jornalismo e um passo em falso pode custar caro para um portal de jornalismo ou uma agência de notícias.

Apesar da exigência por velocidade, as pautas merecem ser discutidas nas redações de jornalismo *online*. Vale lembrar, que os usuários questionam a relevância de informações postadas na rede. Por isso, é importante selecionar os fatos que merecem ser divulgados.

O objetivo principal ainda é informar; o que muda é a velocidade com que as notícias são disponibilizadas. Ao mesmo tempo em que a rapidez representa o aumento de produtividade, coloca em xeque alguns dos principais conceitos do jornalismo, como é o caso da objetividade e da precisão, construídos paralelamente ao surgimento das inovações tecnológicas. (PAN, 2014, p. 37).

No jornalismo *online*, a credibilidade de um veículo está 24 horas por dia em jogo. Uma informação enganosa e uma trajetória de anos podem ruir diante dos leitores. De acordo com Pan (2014), o Lancenet, o Terra Esportes (do *portal* Terra.com), o UOL Esportes (do *portal* Uol.com) e o GloboEsporte.com são os quatro gigantes que disputam grande fatia do mercado esportivo.

A preocupação do jornalista do meio on-line, portanto, é com a construção ou manutenção da identidade de seu jornal, impossível sem que ele possua credibilidade, como observado. Os sites mais conhecidos e com mais credibilidade são os que trazem um nome na origem, que é o resultado da história do veículo ou do profissional. (MIRANDA, 2004, p. 38).

A revolução da internet traz em seu carro chefe a difusão dos *blogs*. Os *sites* pessoais abordam notícias que normalmente não seriam comentadas pela grande mídia. O espaço também é utilizado para expressar opiniões das minorias na sociedade atual.

O jornalismo esportivo voltado para análises táticas recebe tratamento diferenciado nos *blogs*, como por exemplo: Blog Painel Tático (do GloboEsporte.com), Blog Desenho Tático (do ClicRBS), Blog Taticamente Falando, entre outros. Nessas páginas, aficionados por futebol encontram pares para discutir questões relevantes sobre a modalidade. Ferrari (2007, p. 42) comemora a febre dos *blogs*: “São os blogs uma das mais evidentes expressões da revolução digital que tende a se alastrar entre consolidados veículos de comunicação, desafiando conceitos profundamente arraigados na indústria jornalística.”.

De maneira única, a internet possibilita a conexão entre emissor e receptor. A interatividade é uma das peças fundamentais do jornalismo *online*. Por meio de comentários, redes sociais e outras ferramentas, o leitor tem a possibilidade de expor suas opiniões e obter respostas por parte do veículo.

Através da interatividade, a informação torna-se uma via de mão dupla, onde o leitor não é mais o polo passivo do processo. Ferrari (2007, p. 122) aborda o relacionamento entre emissor e receptor na rede de computadores: “A interatividade também foi usada para designar o controle do usuário sobre a experiência de influenciar a ordem em que a informação é apresentada”.

Atualmente, o sucesso de qualquer veículo da mídia está intimamente atrelado à interatividade. O público quer ser ouvido e participar da informação seja na televisão, rádio, impresso ou *online*. Na internet, a interatividade exige que o jornalista torne-se proativo no relacionamento com o público. As redes sociais são um excelente espaço para captar e fidelizar um nicho de usuários. Entretanto, além de interagir é preciso entender os recados dos leitores. Nesse sentido, os editores e repórteres devem permanecer atentos aos comentários de reportagens em *sites* e *blogs*.

O relacionamento entre o usuário do conteúdo e o próprio conteúdo é o foco do elemento. O aspecto que define a natureza desse relacionamento é a versatilidade. É possível interagir com o conteúdo sem ficar limitado a ler/assistir/ouvir a história? Em caso positivo, o conteúdo é aberto; em caso contrário o conteúdo é fechado. Os elementos de relacionamento são aqueles que são conscientemente designados na produção da história pela pessoa que desenvolveu o conteúdo para dar ao usuário um certo tipo de experiência com o conteúdo. (FERRARI, 2007, p. 125).

A imersão e instantaneidade da internet modificaram profundamente o cotidiano da sociedade. Em especial, o jornalista conecta-se 24 horas por dia com

canais de informação. O próprio leitor criou um culto pela instantaneidade. Muitas vezes, nota-se que o critério para publicação de uma notícia no *online* não é a qualidade do texto, e sim a necessidade de divulgar novos acontecimentos.

A gestação da informação também passou por uma metamorfose na era da internet. O jornalista não precisa estar enclausurado dentro de uma redação para conectar-se com a notícia. As tecnologias possibilitam que o comunicador encontre-se em contato permanente com seu veículo.

Você percebe que está imerso no mundo virtual quando, ao dirigir seu carro em direção ao supermercado, ouve pela rádio a notícia de um acidente com um avião na pista do aeroporto, pára o carro, liga do celular para o plantonista da redação, dita a notícia que anotou naquele bloquinho sempre à mão, indica uma visita aos sites de trânsito para verificar se a área foi isolada, pede para pôr a nota no alto da tela, olhar a concorrência e preparar uns hipertextos sobre acidentes aéreos como o resumo dos mais graves dos últimos anos. Aproveita e solicita ao designer, que domina a tecnologia Flash para criar um infográfico animado explicando o que aconteceu. E avisa que, se o assunto crescer, é só ligar que você vai correndo para a redação. (FERRARI, 2009, p. 14).

A metamorfose que a internet ocasionou na comunicação influencia diretamente a classe dos jornalistas. O profissional que deseja estar apto a concorrer neste mercado precisa dominar os referenciais teóricos e as ferramentas que ditam as regras no jornalismo online. A atualização é vital no caso dos jornalistas.

Os grandes veículos de comunicação brasileiros cobram um profissional multimídia. O jornalista em uma cobertura internacional, ou até mesmo local, precisa produzir materiais para todas as plataformas e dominar a linguagem do *online*. Pan (2014) comenta este novo perfil profissional com o embasamento teórico de Pérez (1997):

Diante de uma nova realidade profissional, as competências exigidas do jornalista também mudam. De acordo com Pérez (1997), essa mudança passa pela capacidade multimídia, em que os futuros profissionais deverão ter a capacidade para trabalhar com todas as mídias, selecionando e interpretando a informação com a criatividade para dispor agradavelmente dessa informação. (PAN, 2014, p. 46-47).

Na segunda década do século XXI, pode-se afirmar que o jornalismo *online* não se encontra consolidado em sua linguagem e seus produtos. A experimentação ainda tem espaço neste novo meio. Conforme Barbeiro e Rangel (2006, p. 99),

“Apesar de toda revolução que causou, a internet é o atual grande desafio do jornalismo, seja ele especializado em esportes ou em qualquer outro setor.” No processo de amadurecimento, o leitor tem a palavra final sobre quais práticas serão repetidas e quais serão excluídas da internet.

3. A EDITORIA

Em todo o planeta, a estrutura tradicional do jornalismo divide-se em editorias. No Brasil, intitulado como “pátria de chuteiras” por Nelson Rodrigues, veículos de imprensa dedicam tradicional espaço para a editoria de esportes. O tema é privilegiado em épocas de grandes competições esportivas. Nestes períodos, bem representados pelas Copas do Mundo de futebol masculino e as Olimpíadas, os olhares de todo público voltam-se para a editoria.

Diversos autores buscaram classificar jornalismo. De acordo com o pesquisador brasileiro Luiz Beltrão (1992, p. 67), a finalidade do jornalismo é promover o bem da sociedade em geral. Para chegar a este fim, os fatos correntes devem ser informados com uma interpretação comprometida com a veracidade. A transmissão periódica dessas informações irá formar a opinião pública.

Baseado nesta classificação, o papel do jornalista consiste em captar informações como matéria-prima. O profissional deve buscar a interpretação correta do fato e apresentá-lo ao grande público. Esta capacidade de interpretação diferencia o jornalista em uma sociedade e o torna um formador de opinião.

O jornalismo esportivo apresenta inúmeros perigos e desafios aos profissionais. Muitas vezes, o jornalista esportivo julga-se mais importante do que a notícia e perde-se nos conceitos básicos do jornalismo. O fato de lidar com a paixão, a emoção e o imprevisto em todos os momentos torna a editoria um alvo de críticas do público em geral. Quanto às regras que definem o jornalismo esportivo, Barbeiro e Rangel (2006) posicionam-se:

Jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico ou social. Pode ser propagado em televisão, rádio, jornal, revista ou internet. Não importa. A essência não muda porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e ao interesse público. (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 13).

O cotidiano do jornalismo esportivo apresenta peculiaridades no comparativo com outras editorias. A proximidade da temática com o entretenimento cria celebridades e distorce conceitos básicos da relação entre o comunicador e a informação. A editoria de esportes encontra fartura de estrelas que parecem intocáveis dentro de seus veículos.

Os interesses escusos dentro dos veículos motivam reflexão na área que é bombardeada por anúncios publicitários diretos e indiretos. Alguns profissionais deixam-se levar por amizades e patrocínios que podem comprometer a credibilidade da opinião dentro do esporte. De acordo com Barbeiro e Rangel (2006),

[...] trabalhar com jornalismo esportivo tem suas especificidades. Ele se confunde, frequentemente, com puro entretenimento. Isto, por seu lado, propicia o aparecimento de alguns poucos “coroados” e o envolvimento com outras atividades incompatíveis com a prática do jornalismo, como agenciamento de publicidade, marketing e política privada dos clubes, federações, confederações e empresas. (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 13).

Por lidar com uma paixão nacional, a editoria provoca forte repercussão na população brasileira. Desse modo, os jornalistas esportivos encontram-se constantemente sob as críticas dos aficionados pela temática. Para garantir a lisura da prática jornalística, como em qualquer outra área, o profissional deve apegar-se aos princípios norteadores da profissão que visam a convergir à análise coerente dos fatos em detrimento de olhares passionais.

Nos últimos anos, nota-se que o avanço das redes sociais aumentou a pressão sobre o trabalho dos comunicadores. Rotineiramente, grupos de torcedores organizam-se em fóruns e tendem a concordar com opiniões extremadas sobre suas paixões esportivas. Em alguns segundos, um pequeno deslize do jornalista esportivo pode desmoronar uma carreira construída com décadas de ética e respeito ao leitor. Os receptores cobram uma postura adequada daqueles que transmitem informações e opiniões a milhões de fanáticos. Segundo Unzelte (2009, p. 16), “[...] a prática do bom jornalismo esportivo é antes de tudo a prática do bom jornalismo, de suas técnicas e conceitos mais sagrados, como a objetividade e a imparcialidade [...]”.

O perfil do jornalista esportivo é objeto de discussão dos autores na área. Normalmente, o curso superior não contempla disciplinas específicas sobre a editoria de esportes. Dentro da editoria, é comum encontrarmos apaixonados pela modalidade. A paixão pode contribuir ao mesmo tempo em que pode atrapalhar uma cobertura esportiva. Coelho (2004) aborda a relação e os perigos da paixão pela editoria:

O jornalista esportivo corre dois grandes riscos. O primeiro, quando se trata do profissional que se interessou pela área graças à herança deixada pelo garoto de 12 anos, é esquecer-se de que a paixão movia seu interesse pela

notícia esportiva. O garoto envelhece. O ídolo que o levava ao estádio já não é mais tão interessante. O esporte não oferece mais tantas novidades. Mas, sem perceber, o jornalista continua se referindo às modalidades esportivas como sua grande paixão. Ou como arremedo dela. Diz que não existe mais brilho no esporte, que não há mais craques como no passado, que os jogos já não atraem tanto, que não se deve ir à praça esportiva. Justamente o contrário do que lhe ensinou o garoto de 12 anos: apaixonar-se pelo esporte. (COELHO, 2004, p. 48).

Por outro lado, a editoria de esportes é conhecida como uma porta de entrada para os grandes veículos. O jovem jornalista que entra em uma redação é tradicionalmente encaminhado para a pasta de esportes. Neste contexto, o jornalista adapta-se ao jornal e conhece o ambiente em que está inserido.

Em muitas redações, o calouro rapidamente é promovido para outra editoria de “maior relevância” no veículo. A breve passagem não possibilita que o profissional se aprofunde na temática e passe a produzir materiais diferenciados. A fragilidade da cobertura esportiva é questionada pelos leitores e as críticas muitas vezes se direcionam ao profissional, enquanto a empresa muitas vezes não possibilita este período de aprendizagem. Segundo Coelho (2004),

[...] não existe jornalista de esportes. Existe o jornalista, aquele que se dedica a transmitir informações de maneira geral, o especialista em generalidades. Que se torna muitas vezes melhor quando é, de fato, conhecedor do assunto específico. Quando vira jornalista de basquete, de vôlei, de futebol, de automobilismo. Nunca de esportes. (COELHO, 2004, p. 37).

O preconceito com a editoria de esportes também é histórico no país. Coelho (2004, p. 09) reconhece esse enfrentamento histórico: “durante todo o século passado dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário”. A oposição ao segmento repete-se nos bancos acadêmicos e nos grandes veículos da mídia. Para muitos, trata-se de uma editoria que manipula a dura realidade com um entretenimento barato. Acusam os jornalistas esportivos de promoverem o espetáculo sem reflexão acerca de outras questões preponderantes na nação. Além disso, o espaço destinado para o esporte é tachado como um território exclusivo para as classes mais humildes da população.

Em uma era onde absolutamente tudo parece culminar em competições, mesmo que virtuais, é preciso delimitar o conceito de esporte dentro do jornalismo. A tecnologia invadiu as piscinas, as pistas, as quadras e os campos. As federações

internacionais de cada categoria encontram dificuldade em definir até que ponto a modernização contribui para o esporte, e conseqüentemente, para a emoção das competições.

O divisor de água pode encontrar-se na linha tênue em que a tecnologia minimiza as diferenças de habilidade e inibem a capacidade de superação do atleta individualmente, ou até mesmo, do esporte disputado coletivamente. Para Barbeiro e Rangel (2006):

[...] a competição deve ser entre seres humanos e suas habilidades, treinos, esforços, superação pessoal, física e psíquica, enfim, com equipamentos semelhantes. Assim, os principais componentes do esporte são: desenvolvimento físico, regras definidas e competição. (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 14).

O jornalista esportivo também carrega a missão de atrair o interesse do público que não se encaixa no perfil de aficionado por esporte. Os grandes veículos de comunicação misturam programas voltados ao entretenimento e ao jornalismo em uma mesma grade de programação. Neste contexto, os veículos inserem a temática do esporte com ênfase no futebol.

Para tornar o assunto relevante ao receptor comum, é necessário contextualizar competições, explicar regras e expressões utilizadas com naturalidade pelo público cativo da editoria. Barbeiro e Rangel (2006) pregam uma linha didática para lidar com esta diferença de perfil:

Nem todo mundo acompanha o esporte conti-nuamente (sic). Por isso se deve fazer uma suíte² didática do tema tratado, partindo-se do pressuposto que se fala para um público de conhecimento mediano e mesmo os aficionados podem ter perdido alguma informação importante. Não economize didatismo. (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 22).

Entretanto, um novo público está se formando nas camadas jovens da população e chega ao mercado ávido por informações aprofundadas. A penetração da internet na sociedade contemporânea origina uma geração que não se satisfaz com informações e opiniões vazias de conteúdo. Atualmente, crianças e adolescentes possuem aparelhos que possibilitam o acesso às informações que circulam por todo planeta.

² Termo utilizado para contextualização do assunto. Uma suíte didática retoma aspectos básicos sobre um tema. Assim, um público amplo pode entender o objeto da informação.

O novo perfil do receptor desafia a mídia tradicional. O jornalista esportivo deve atualizar-se e renovar a linguagem da editoria que abusa de repetições. Cecconi (2013) acompanha a metamorfose da editoria e sugere a discussão de conceitos táticos nos comentários esportivos:

[...] a audiência tem novos integrantes. Hoje os garotos de dez anos assistem às melhores coberturas esportivas do Brasil e de outros países com tradição no jornalismo e no futebol, leem artigos em blogs e sites das mais diversas origens, jogam videogames de última (ou mais que última) geração. Inconscientemente qualificam-se para o debate. Estão familiarizados com os conceitos táticos, desde a simples “numerologia” dos sistemas até os complexos estrangeirismos. (CECCONI, 2013, p. 05).

A repetição e obviedade das pautas esportivas incomodam os que buscam conteúdo e novidade nas informações esportivas. O jornalismo esportivo cotidiano abusa de matérias que visam unicamente ao entretenimento. Nesta “vala comum”, entram pautas como chuteiras e penteados dos jogadores e chegam ao limite ético de abordar questões particulares como relacionamentos amorosos dos craques.

Com facilidade, o jornalismo esportivo torna-se apenas uma briga por audiência. A profundidade e relevâncias das matérias podem ser esquecidas e destacam-se “acessórios” da modalidade. Vendete e Moraes (2006) tratam do tema citando o pesquisador Camargo (2003):

O esporte é um marco tão importante para a televisão, que é impossível tratar do jornalismo esportivo sem se especializar. Camargo (2003) coloca que a temática central das mensagens veiculadas nos programas esportivos da televisão privilegia o caráter sensacionalista e a espetacularização dos fatos. Então o que vemos hoje em dia, são ‘brigas’ forjadas para aumento da audiência, debates onde o que menos importa é a qualidade da notícia. (VENDETE; MORAES, 2006, p. 04).

A superficialidade e futilidade de alguns conteúdos esportivos também provocam crítica de autores da área. A repetição da linguagem utilizada é questionada por Barbeiro e Rangel (2006):

Mas a linguagem utilizada pelos jornalistas esportivos é justamente aquela que, no campo do futebol, por exemplo, eles mais combatem: sem graça, equivalente a um empate sem gols. Infelizmente a linguagem utilizada está recheada de clichês e lugares-comuns, quase banalizada. Os redatores fazem uso do mesmo vocabulário para descrever as mesmas situações, apoiando-se nas mesmas figuras de linguagens. Hoje os chavões fazem parte da própria linguagem da imprensa – aliás, do próprio falar e, conseqüentemente, dos textos. (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 51).

A inovação na abordagem de pautas cotidianas também é bem-vinda e necessária em veículos televisivos, radiofônicos e online. O receptor tradicional de informações relacionadas ao futebol satura-se das mesmas manchetes e ângulos de abordagem e tende a buscar veículos especializados que aprofundem o tema.

O detalhamento do conteúdo esportivo encontra boa resposta no jornalismo *online*. A característica de disponibilizar um espaço infinito para opiniões beneficia o meio de comunicação. Com isso, assuntos pouco abordados nas mídias tradicionais costumam receber melhor aproveitamento no *online*.

No universo ilimitado da internet, o público divide-se em nichos que buscam conteúdos segmentados dentro do esporte. Desse modo, portais esportivos conquistam fãs a partir de um jornalismo com conteúdos especializados que rapidamente repercutem nas redes sociais e atraem um grande número de leitores. Para Unzelte (2009, p. 82), “[...] a Internet não é só dar a notícia na frente dos outros, alguns sites esportivos parecem caminhar cada vez mais também para o enriquecimento de seu conteúdo, das informações, apostando, por exemplo, em colunistas ou reportagens especiais”.

Assim, o jornalismo esportivo enfrenta seus desafios e busca renovar-se sem perder a relevância. A presença de conteúdo aprofundado é vital para aproximar a editoria do jornalismo e distanciar do mero entretenimento.

3.1 OBSERVAÇÕES TÁTICAS DE FUTEBOL

As análises táticas de futebol surgem como uma especialização dentro do jornalismo esportivo. Neste segmento, procura-se aprofundar as características de jogo de cada equipe. Os conceitos técnicos das análises táticas também são estudados na área de educação física.

O conceito de tática utilizado atualmente no jornalismo esportivo originou-se em meio aos campos de batalhas. Em outra área de estudo, as guerras promovem confrontos de estratégias militares. As altas patentes posicionam-se em lados opostos e buscam maneiras de surpreender os adversários. Como nas lutas entre povos, a derrota ou a vitória no futebol está intimamente relacionada com o manejar das tropas. Sobre a origem histórica do termo, Cecconi (2013) afirma:

Vem da literatura bélica a popularização da palavra “tática”, e conseqüentemente de seu conceito. Debruçados sobre mapas que descreviam a topografia das regiões em conflito, militares das mais altas patentes destacaram-se pelas vitórias amparadas em planejamento – quem ataca, de que forma, e quando; quem defende, o que defende, e como. (CECCONI, 2013, p. 03).

No futebol, Leal (2001, p. 99) sugere a seguinte definição do termo: “tática significa o planejamento e a execução racional de dispor jogadores em campo, para sair-se bem e tirar proveito em dada situação, surpreendendo o adversário e o dominando-o (sic), em conseqüência”. Os autores Vendite e Moraes (2006, p. 03) complementam o conceito: “Por outro lado, é na estratégia de jogo que determinados (sic) o posicionamento e a movimentação que os jogadores terão durante o jogo, tanto individual como coletivamente.”.

Os referenciais teóricos também esclarecem a diferença entre tática e sistema de jogo na modalidade. Leal (2001) posiciona-se:

Entende-se por sistema de jogo a distribuição dos jogadores de um time em campo, em estrutura organizada, coordenados e unidos por princípio de interdependência, com funções definidas que se complementam e que se movimentam, visando, com o menor esforço possível, a alcançar a melhor produção e resultado. (LEAL, 2001, p. 33).

As variáveis que levam um time ao sistema de jogo também são abordadas por Vendite e Moraes (2006):

Cada equipe de futebol, geralmente joga um determinado sistema de jogo, onde cada jogador tem uma função na partida e uma tática de ataque e defesa. Desta forma, podemos definir sistema de jogo como a distribuição dos jogadores em campo para o início de uma partida, uma formação básica que objetiva preencher todos os espaços do campo. (VENDITE; MORAES, 2006, p. 03).

A análise tática no futebol consiste em analisar posicionamentos e padrões de movimento individuais e coletivos dentro de uma partida. A organização das equipes cabe ao treinador e sua comissão técnica. Desse modo, a torcida facilmente culpa um treinador por uma série de derrotas ou más apresentações.

Barbeiro e Rangel (2006, p. 16) definem esquema de futebol em “[...] tática que o time usará em campo elaborada pelo treinador da equipe [...]”. O conteúdo da análise tática deve partir do esquema tático identificado dentro do gramado, no qual se divide em números os jogadores de defesa, meio-campo e ataque. Assim, forma-

se uma ordem em que o primeiro numeral corresponde aos defensores, o segundo número leva em conta os meio campistas e o último número considera os atacantes. Salienta-se que para fins de esquema tático é desconsiderado o goleiro, visto que é único em todas as equipes, respeitando as regras da modalidade.

Atualmente, os esquemas táticos mais utilizados pelos treinadores são o 4-4-2, 4-3-3, 4-5-1. Entretanto, não se pode desconsiderar a evolução da modalidade que constantemente é revolucionada por uma nova forma de atuação como a Holanda que recebeu a alcunha de “Laranja Mecânica” na Copa do Mundo de 1974 e do time espanhol Barcelona das últimas temporadas. Portanto, a análise tática não deve estar engessada a um padrão, mas maleável às inovações da modalidade.

Entretanto, a análise tática não deve reter-se à identificação do sistema tático. A totalidade dos movimentos em campo deve estar no raio de estudo do jornalista esportivo. A partir desta cuidadosa visualização, o profissional encontra-se apto para informar o receptor sobre as características de jogo das equipes. O conceito da análise tática é abordado por Ferreira, Paoli e Da Costa (2008)

Considerando que a tática é um componente de alta complexidade por fatores relevantes ao jogo, como: disposição dos jogadores no campo, posição, característica e função de cada um, as manobras defensivas e ofensivas, inversões de bola para melhor transição defesa – ataque, triangulações, ultrapassagens, jogadas preparadas de escanteio, lateral e falta, deve ser estudada nos aspectos das táticas individuais, coletivas e em grupo (FERREIRA; PAOLI; DA COSTA, 2008).

O jornalista com foco em análise tática deve desenvolver um método de trabalho que passa pelos seguintes fatores: identificar o posicionamento inicial de cada jogador, estabelecer o sistema tático base, descrever as funções dos jogadores, identificar o sistema de marcação e diagnosticar o estilo do time (CECCONI, 2013).

O profissional especializado em análises táticas conta com ferramentas que podem aprimorar o seu método. Entre os mais conhecidos, estão os tradicionais *scouts*³ que têm como objetivo mapear as ações dos jogadores em campo. Por exemplo, a quantidade de passes trocados entre o lateral-direito e o centroavante de uma equipe durante uma partida. Os números ilustram, comprovam e facilitam a

³ Ferramenta de controle de dados estatísticos. No futebol, o scout avalia numericamente as principais ações do jogador em campo como: passes, chutes, cruzamentos, roubadas de bola, entre outros itens.

interpretação de padrões de comportamentos treinados pela comissão técnica com o grupo de jogadores.

Recentemente, o portal *Footstats.net* conquistou destaque no Brasil e na América Latina através de seus relatos numéricos de partidas de futebol. A ferramenta gratuita possibilita que o jornalista acesse números sobre cada jogador dentro dos noventa minutos. O profissional que dedicar-se a uma pesquisa no portal pode enriquecer sua matéria com números que comprovam suas observações táticas.

A tecnologia também auxilia com recursos como os mapas de calor. Através destas ferramentas, é possível identificar as posições do campo que o atleta mais utilizou. O sistema já citado que utiliza *chips* nas caneleiras dos jogadores também proporciona dados estatísticos como a distância percorrida pelo atleta durante os minutos em que participou do embate. De acordo com Ferreira, Paoli e Da Costa (2008), as tecnologias podem contribuir nas decisões táticas do treinador:

O estudo da tática através de recursos tecnológicos de computação gráfica, áudio visuais e "scout", poderão auxiliar os treinadores a variar a tática dentro de um sistema de jogo pré estabelecido (sic) de sua equipe e do adversário." (FERREIRA; PAOLI; DA COSTA, 2008).

No comparativo entre a linguagem utilizada pelo treinador e pelo jornalista esportivo, existem diferenças que visam à assimilação e capacitação do receptor. No caso do treinador, a linguagem é simples e voltada para um público que por vezes não possui a mínima instrução educacional. Já o jornalista esportivo dialoga com um público heterogêneo com o interesse dividido entre o esporte e o entretenimento. Desse modo, cabe ao profissional da comunicação traçar uma linha didática do assunto para seu público-alvo.

O jornalista esportivo com ênfase no aspecto tático deve zelar pelos movimentos dentro do terreno de jogo. A função de especialista em análises táticas ainda é tímida no jornalismo esportivo brasileiro seja no impresso, no rádio, na televisão ou no *online*. Enquanto alguns defendem o aprofundamento e a criatividade para superar as pautas tradicionais, outros barram qualquer avanço com a justificativa do pouco interesse do público.

A abordagem tática do futebol preocupa-se com questões que vão além das pautas tradicionais que aproximam a editoria de esportes das revistas de fofocas.

Por outro lado, uma gama do jornalismo esportivo preocupa-se com fatores mais relevantes das partidas de futebol. A profundidade das análises táticas ainda rivaliza com abordagens mais superficiais. Por vezes, o jornalista esportivo que entra em uma grande redação não é conduzido para um processo de aprimoramento que possibilite seu real conhecimento sobre as estratégias da modalidade.

Por outro lado, a imprensa internacional leva o tema com a devida seriedade e algum eco parece chegar ao jornalismo brasileiro. Em nossos vizinhos argentinos, o conteúdo tático é abordado pelos periódicos e repercute entre os aficionados por futebol. Cecconi (2013) avalia o jornalismo esportivo no país vizinho e também comenta o aproveitamento da temática no Velho Mundo:

Vejo os jornais argentinos tratando a análise tática com naturalidade, em meio às crônicas dos jogos, falando dos posicionamentos, dos sistemas, dos movimentos, como se isso fosse o básico da cobertura jornalística. As pessoas leem os jornais, comentam nas ruas, tudo muito natural. Na Espanha, da mesma forma. Na Itália. Na Inglaterra. E em todos os países há espaço, além da análise tática, ao entretenimento, à polêmica, à fofoca, ao noticiário factual, à investigação, à denúncia. (CECCONI, 2013, p. 75).

Profissionais da área originam um movimento que visa a despertar o aficionado para a importância da tática na modalidade. O tema poderia ser melhor difundido em uma pátria que se orgulha do título “o país do futebol”. Quanto a este movimento, Unzelte (2009) sugere:

E que tal se transformar em um especialista nas táticas do jogo, explicar a função do alas, defender uma tese sobre se é melhor jogar com dois ou três zagueiros, com dois ou três atacantes? Eis um filão apenas recentemente explorado, depois de décadas em que a crônica esportiva se preocupou apenas em apresentar os “quês” sem se preocupar com os “comos” ou “porquês” do resultado de uma disputa, em especial no caso do futebol. Trata-se de um campo ainda em desenvolvimento, mas que pode ser explorado tanto na cobertura de um evento quanto em colunas de opinião, e que já tem como expoentes Paulo Vinicius Coelho, dos canais ESPN, e Mauro Beting, do Grupo Bandeirantes de Comunicação⁴ (UNZELTE, 2009, p. 123).

As hipóteses para o baixo aproveitamento do tema na mídia englobam algumas variáveis e serão analisadas nesta monografia. Desde o despreparo do jornalista que é direcionado à editoria de esportes sem nenhum interesse prévio na área, até a censura dos “caciques” da mídia quanto ao tema. Os referenciais

⁴ Atualmente, Paulo Vinicius Coelho e Mauro Beting trabalham na emissora Fox Sports.

teóricos relatam que a alegação geral é de que as análises táticas não despertam o interesse do público amplo.

Se considerarmos que essa premissa é verdadeira, o desafio do jornalista esportivo é mostrar ao público o caráter essencial da análise tática. No *online*, a linguagem permite utilizar de imagens estáticas e vídeos para facilitar a compreensão do aficionado pelo futebol. A internet também forma um público conectado com outras culturas e ideias que mostra engajamento nas análises táticas. Como exemplo positivo, os portais de jornalismo colaborativo *Trivela* e *Impedimento*⁵, entre outros, dialogam com o público utilizando as análises táticas. Nos dois casos, nota-se, em um primeiro momento, uma linha didática dos redatores para explicar o conteúdo das análises. O fator didático é extremamente positivo para a transformação do jornalismo esportivo brasileiro. Cecconi (2013) aborda os obstáculos do tema:

O dilema, entretanto, é o tabu que rege a interação entre jornalistas esportivos, público e análise tática. Nem a audiência é limitada intelectualmente, nem o jornalismo deve tratá-la como incapaz. A justificativa de editores para bloquear a passagem da análise tática nos meios de comunicação de massa é a baixa audiência, motivada pelo desinteresse em um assunto “difícil”. (CECCONI, 2013, p. 70).

O esporte como ciência também pode atrair um público que pode estar cansado do jornalismo esportivo brasileiro das últimas décadas. Messa (2005) sugere os pilares desse novo modelo:

Convém retomar o que é informação sobre esporte? É o alimento para motivar cada vez mais a paixão do leitor/torcedor? Prefiro acreditar, então, que seja possível investir em divulgação científica sobre o esporte. Sem perfumaria mistificadora (sic), sem essa dependência de comercialização, longe dessa perspectiva que alia o esporte a um mercado de bens simbólicos. (MESSA, 2005, p. 3).

Talvez o público brasileiro encontre-se preparado para informações mais densas sobre futebol. Cabe aos veículos de comunicação experimentar o conteúdo tático em suas editorias esportivas. Assim, a mesmice das pautas cairá por terra e surgirá um novo jornalismo esportivo.

⁵ Trivela: <http://trivela.uol.com.br/> e Impedimento: <http://impedimento.org/>

3.2. ESPAÇOS NO IMPRESSO

Os estudos táticos sobre futebol ainda são tímidos no jornalismo impresso. Os periódicos tradicionais raramente publicam matérias sobre os comportamentos táticos dos times. As matérias parecem girar sempre ao redor dos mesmos temas como agenda esportiva, placares da rodada e outras questões. Segundo Unzelte (2009, p. 122) “Essa visão ultrapassada talvez se deva aos anos em que a produção esportiva realmente deixou muito a desejar. E ainda deixa, em vários aspectos, principalmente, em relação às pautas, que se repetem demais no esporte”.

A difusão das análises táticas no jornalismo impresso caminha lado a lado com a computação gráfica. O tema precisa de uma linguagem atraente para ser assimilado pelo público em geral. Como exemplo, um infográfico pode despertar o interesse do leitor para o novo esquema tático de seu clube do coração. De acordo com Barbeiro e Rangel (2006, p. 42), “Priorizar as reportagens, utilizar outras ferramentas de linguagem, como fotografias, boa diagramação, artes (no caso de jornais e revistas), pode transformar uma reportagem mediana em um produto interessante aos olhos do leitor”.

Unzelte (2009) ressalta a necessidade de profissionais gráficos nos textos do jornalismo impresso:

Hoje, não: tanto repórteres fotográficos quanto designers são denominações mais adequadas a esses novos tipos de profissionais, que devem encarar a imagem também como uma maneira de informar e, por isso, devem ser respeitados pelos jornalistas da área de texto. Ainda mais quando o assunto é esporte, com imagens tão plásticas e reveladoras. (UNZELTE, 2009, p. 77).

Barbeiro e Rangel (2006) também sugerem o aproveitamento de recursos gráficos em todas as mídias:

A computação gráfica veio para ficar e ser usada sempre que possível. Claro que sem exagero, pois nada substitui o espetáculo do esporte. Mas a computação dá uma boa mão para enriquecer a transmissão ou qualquer outro programa esportivo. Não é o centro das atenções, mas é um coadjuvante indispensável em determinadas situações, como em um tira-teima, por exemplo. (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 33).

O futuro do jornal impresso é discutido à exaustão em bibliografias e ambientes acadêmicos. Na editoria de esportes, os periódicos podem apostar em

novos ângulos para manterem-se vivos e relevantes. As análises táticas surgem como oportunidade de novo caminho a ser trilhado pelos jornalistas esportivos que trabalham em impressos. Para Barbeiro e Rangel (2006, p. 122) “o diário, bem como seus profissionais, deve sempre apostar em novas fórmulas”.

O jornalismo esportivo no impresso pode pecar pela mesmice de suas pautas diárias. Neste contexto, os leitores parecem cansados das mesmas discussões. O veículo que apostar em discussões táticas pode atrair o público aficionado pela modalidade. A importância das observações táticas é pauta de Cecconi (2013):

Na análise tática voltada ao jornalismo esportivo, a identificação de padrões de comportamento também serve, caso o profissional da área acompanhe treinos, para verificar o que foi assimilado, e o que não deu certo na relação com os trabalhos da semana. Mas serve, principalmente, para transmitir informações relevantes à audiência. (CECCONI, 2013, p. 12).

O possível baixo aproveitamento das análises táticas no jornalismo impresso pode estar relacionado com alguns paradigmas antigos. Nessa forma ortodoxa de pensamento, o público não se interessa pelas observações táticas por exigir uma capacidade de raciocínio do receptor. Entretanto, as análises táticas podem estar mais próximas do cotidiano do que se imagina. Cecconi (2013) opina nesse sentido:

O tabu não existe. O conteúdo é simples, de fácil compreensão, e com linguagem adaptável ao perfil da mídia e do público. Todos nós fazemos análise tática de nossos times nas arquibancadas, em todos os jogos, mesmo sem prestarmos atenção nisso. O que falta – à audiência e ao jornalismo, no geral – é padronizar conceitos, esclarecer métodos, aprimorar e aprofundar conceitos até que eles sejam de conhecimento popular. (CECCONI, 2013, p. 75).

Os espaços para análises táticas de futebol no jornalismo impresso são incentivados por pesquisadores da área como Coelho (2004).

Análise tática sobre jogo de futebol vai sempre valer relatos dignos de fazer o torcedor mais fanático se arrepiar tanto quanto a descrição perfeita da partida de futebol. A conquista do título, a jogada brilhante, a história comovente sempre fizeram parte do esporte. E sempre mereceram o tom épico que desapareceu das páginas dos jornais e revistas e dos relatos de emissoras de rádio e de televisão. (COELHO, 2004, p. 23).

As observações táticas de futebol podem significar um caminho novo para um veículo que luta diariamente contra sua repetição automática. Os pesquisadores

da área já despertaram para o tema. Agora, cabe aos editores dos veículos “ouvir” esse clamor que vem dos referenciais teóricos e da audiência em geral.

3.3. ESPAÇOS NO ONLINE

Enquanto o jornalismo impresso procura maneiras de sobreviver, a internet surge como nova plataforma da mídia. As notícias são publicadas via portais, fóruns, redes sociais e e-mails. A repercussão do conteúdo *online* atinge cantos diferentes do planeta. Unzelte (2009) comenta a adaptação da população brasileira ao meio de comunicação e a atuação do jornalista especializado em esporte:

A Internet no Brasil é relativamente recente, e data da segunda metade dos anos 1990. Portanto, ainda pode ser encarada como uma nova mídia, termo que se refere a tecnologias e meios de comunicação diferentes dos canais tradicionais (veículos impressos, rádio e televisão). Nesse tempo relativamente curto, a rede mundial de computadores já transformou não só em uma das maiores portas de entrada, mas também em campo de trabalho para os jornalistas com tempo de estrada – e entre eles, claro, mais uma vez estão os jornalistas esportivos. (UNZELTE, 2009, p. 65).

Os autores concordam que a internet exige uma nova linguagem do jornalista. Os textos estáticos dos jornais não emplacam entre os usuários da rede global. Segundo Barbeiro e Rangel (2006), “Apesar de toda revolução que causou, a internet é o atual grande desafio do jornalismo, seja ele especializado em esportes ou em qualquer outro setor”.

Diante desse quadro, o jornalismo esportivo caminha em direção a nichos específicos na internet. As observações táticas de futebol encontram terreno fértil para seus debates entre os leitores do jornalismo *online*. As características da nova mídia exigem um aprofundamento sobre os conteúdos publicados. Unzelte (2009) defende estes novos ângulos na editoria que lida com a paixão nacional:

Cientes disso, de que a Internet não é só dar a notícia na frente dos outros, alguns sites esportivos parecem caminhar cada vez mais também para o enriquecimento de seu conteúdo, das informações, apostando, por exemplo, em colunistas ou em reportagens especiais. (UNZELTE, 2009, p. 82).

O cotidiano e os horários de fechamento de edição das redações dos jornais muitas vezes impedem o aprofundamento de questões táticas na editoria de esportes. Em compensação, a febre dos blogs destina espaço para debates

aprofundados com relação ao futebol. Cecconi (2013) relata as diferenças das plataformas utilizando como base suas experiências profissionais:

Antes, inserido no contexto das redações, com atribuições restritas à cobertura jornalística do dia a dia de times específicos, a análise tática era mais um hobby do que uma tarefa para mim. Pratico em meus blogs por gostar do tema, sem qualquer incentivo dos editores, com a intenção de fomentar iniciativas semelhantes e de fidelizar um público interessado e familiarizado com o tema. (CECCONI, 2013, p. 74).

Entretanto, as observações táticas de futebol necessitam assimilar as características da rede e seu público. O público mostra predileção por matérias com recursos gráficos. A imagem enriquece a matéria nesta nova mídia.

Os blogueiros e demais praticantes da análise na internet não podem esquecer, ainda, que o público do futebol adora apelo visual. Quando crianças, colecionamos álbuns de figurinhas e revistas, antes jogávamos futebol de botão, agora jogamos videogames e ficamos loucos com a reprodução dos uniformes e estádios, temos camisetas, cachecóis. Futebol, para o público, é imagem. (CECCONI, 2013, p. 71).

Nesta segunda década de século, o jornalismo *online* parece o mais aberto para as análises táticas. O tema já vem despertando o interesse de usuário que começam a frequentar e comentar os blogs afins. Cabe ao jornalista esportivo apropriar-se do conteúdo e utilizar de criatividade para divulgá-lo nesta grande e democrática rede global.

4. DISSECANDO O TEMA

Na vastidão de conteúdos da editoria de esportes, esta monografia enfatiza as análises táticas de futebol. A metodologia envolveu a busca por referenciais teóricos, as entrevistas em profundidade com profissionais que lidam cotidianamente com o tema e a análise de conteúdo de recorte de pesquisa nas plataformas impressa e digital do jornal Zero Hora.

Nesta fase do trabalho, o autor debruça-se sobre o conteúdo levantado e procura costurar harmonicamente as fontes em busca de respostas para a questão norteadora e as hipóteses definidas na monografia. Por meio desta etapa, o acadêmico também procura atingir o objetivo geral de analisar a profundidade dos conteúdos esportivos que abordam táticas de futebol e os objetivos específicos já mencionados nesta monografia.

4.1. METODOLOGIA

A pesquisa científica necessita obrigatoriamente de uma metodologia. Em um primeiro momento, o método funciona como uma bússola que indica a trajetória a ser percorrida até o objetivo final. O método é essencial na produção de novos conhecimentos científicos que servirão de base para os ensinamentos acadêmicos. O conceito e a origem do método são objetos de estudo de Paviani (2009).

A ideia de método nasce originalmente da metáfora que indica caminho, orientação, percurso de uma ação ou meios para alcançar um fim. Nesse sentido, o conceito de método está intimamente ligado ao conceito de processo de investigação científica, que tem por objetivo produzir novos conhecimentos e modos de intervenção na realidade. (PAVIANI, 2009, p. 61).

O conceito científico torna-se realidade através de uma linguagem que representa um ponto de vista de uma situação. O método encontra-se conectado ao processo do descobrimento. O aluno que inicia uma pesquisa acadêmica entenderá ao longo do percurso que o método tem como missão promover novos aspectos do conhecimento que devem culminar por interferir na realidade.

Por isso, uma pesquisa deve sempre provocar modificações em seu meio. Um tema já estudado não necessita de uma nova pesquisa, mas pode precisar de

um novo ângulo de análise. Assim, o acadêmico deve estar atento à relevância do estudo proposto. Nesta linha de pensamento, Paviani (2006) detalha:

Os métodos científicos (no plural) efetivam-se numa forma linguística e expressam uma determinada concepção da realidade. [...] Nesse sentido, o conceito de método está intimamente ligado ao conceito de processo, o processo de investigação científica que tem por objetivo produzir novos conhecimentos e modos de intervenção na realidade. (PAVIANI, 2006, p. 43).

O termo método pode ser dividido em pelo menos três significados. Os sentidos vão desde a orientação para o trabalho a ser desenvolvido até a aplicação de técnicas para apuração de informações que serão utilizadas no estudo. Paviani (2009) sugere uma divisão de significados.

Portanto, temos, no mínimo, três significados de método: o primeiro indica caminho, orientação, direção, o segundo, aponta modos básicos de conhecer (como analisar, descrever, sintetizar, explicar, interpretar) e o terceiro refere-se a um conjunto de regras, de procedimentos e de instrumentos e ou técnicas (como questionário, entrevista, documentos) para obter dados e informações. (PAVIANI, 2009, p. 62).

O método deve ser ajustado para cada pesquisa. A repetição de um padrão não funciona neste ponto do trabalho acadêmico. O proponente deve analisar as questões específicas de sua monografia e optar pelo método que melhor combina suas características. Salienta-se que o método científico não é um ponto isolado no processo de pesquisa e precisa dialogar com outras peculiaridades da monografia. Paviani (2006) constrói uma trilha de raciocínio:

Não existem métodos prontos que possam ser usados sem adaptações. O método de pesquisa não pode ser adquirido como se fosse uma receita, objeto ou aparelho. Ele é construído em cada caso, em cada projeto de pesquisa. Mesmo quando se parte de experiências científicas já realizadas, o método precisa ser recriado e pensado no próprio processo de investigação. O método científico, portanto, faz parte do projeto de pesquisa, não como uma peça isolada, mas como um conjunto de elementos integrados a outros elementos, formando um sistema coerente e eficaz. (PAVIANI, 2006, p. 43).

Por sua vez, a análise tem seu surgimento relacionado com os campos filosófico e científico. Os processos de análise não se encontram completamente puros dentro da pesquisa científica. Desse modo, é possível encontrar análises que misturem características analíticas, dialéticas e hermenêuticas. A dialética prioriza a

argumentação, o raciocínio, o diálogo sobre um tema para obter conclusões, enquanto a hermenêutica apegar-se ao discurso e ao texto para compreender o real significado das ideias apresentadas. Paviani (2009) aborda a origem da análise e as suas combinações:

A noção de análise está ligada a diversas concepções filosóficas e científicas. O processo analítico foi desenvolvido especialmente por Aristóteles e Kant, mas ele também se encontra em Platão e Hegel, considerados dialéticos. Isso significa que não existe um processo de análise totalmente puro. Por isso, falar em processo analítico, dialético e hermenêutico é apenas apontar para um núcleo básico definidor que não exclui as possíveis combinações entre eles. (PAVIANI, 2009, p. 75).

A análise deve explicar os objetos de estudo da pesquisa. Uma análise bem sucedida resultará em um público leitor esclarecido com relação aos argumentos mencionados pelo pesquisador. Em uma monografia, a análise é o momento em que o proponente detalha conceitos simples e complexos a respeito do tema abordado.

O tema de uma monografia pode ser desconhecido do grande público por destacar pequenas segmentações de uma ciência. Nesses casos, o pesquisador pode debruçar-se diante do assunto escolhido e conceituar termos técnicos que facilitarão a compreensão de suas ideias.

Num sentido mais próximo aos procedimentos de pesquisa, a análise consiste em definir conceitos, estabelecer categorias, codificações, tabulações, dados estatísticos, generalizações de dados, relações entre variáveis, etc. [...] Podem-se decompor ideias, conceitos ou atos (vivências), embora na maior parte das vezes a análise tenha como objetivo o esclarecimento de conceitos, de proposições e de discursos. Cada uma dessas formas combinadas entre si pode dar origem a novos processos metodológicos. (PAVIANI, 2006, p. 53).

De acordo com Lakatos e Marconi (2011), a pesquisa bibliográfica consiste no estudo da base teórica já publicada sobre o tema. Nesse material, somam-se livros, revistas, artigos e outros produtos das editoras. A missão da pesquisa bibliográfica é familiarizar o proponente da monografia com todo material já publicado sobre o tema. Desse modo, a consulta à bibliografia contribui para que o pesquisador trabalhe com as suas informações. A pesquisa bibliográfica é o pontapé inicial para grande parte das produções científicas.

A monografia tem como principal missão solucionar um problema de pesquisa. Por isso, o problema deve levar em consideração sua capacidade de

resolução e relevância social. Para Gil (2002, p. 23), a definição de problema é uma “questão não solvida e que é objeto de discussão, em qualquer domínio do conhecimento”.

No âmbito acadêmico, o problema enquadra-se no patamar científico quando apresenta variáveis que podem ser testadas. O pesquisador deve observar a capacidade de observar ou manipular as alterações discutidas. Entre as variáveis, o proponente estabelecerá possíveis ligações. Gil reflete sobre as características de um problema científico:

[...] pode-se dizer que um problema é de natureza científica quando envolve variáveis que podem ser tidas como testáveis: “Em que medida a escolaridade determina a preferência político-partidária?” “A desnutrição determina o rebaixamento intelectual?” Todos esses problemas envolvem variáveis suscetíveis de observação ou de manipulação. É perfeitamente possível, por exemplo, verificar a preferência político-partidária de determinado grupo, bem como seu nível de escolaridade, para depois determinar em que medida essas variáveis estão relacionadas entre si. (GIL, 2002, p. 24).

Na temática desta monografia, nota-se que a prática de entrevistas em profundidade auxiliaria na resposta das hipóteses levantadas. Um editor de esportes poderia esclarecer a escolha das pautas e o tratamento dado a elas. Desse modo, o aluno pretende entrevistar em profundidade os responsáveis pela pasta na plataforma impressa e online da Zero Hora.

A entrevista em profundidade possibilita que o pesquisador tenha contato direto com uma fonte de respostas práticas a respeito do tema. A técnica permite que o entrevistador selecione perguntas e colha respostas qualificadas do informante. Duarte e Barros (2005) tratam de entrevista em profundidade.

[...] técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. Entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e aos entrevistados ajustar livremente as perguntas. Este tipo de entrevista procura intensidade nas respostas, não quantificação ou representação estatística. (DUARTE; BARROS, 2005, p. 62).

Outra linha de pesquisa selecionada é o estudo de caso, Goode e Hart (1969) entendem a técnica como uma ferramenta para analisar uma realidade social. Assim, trata-se de uma forma de organizar dados coletados que zela pelas

características únicas do tema pesquisado, sem desprezar suas complexidades. Lüdke e André (1988) detalham as fases do estudo de caso:

Nisbet e Watt (1978) caracterizam o desenvolvimento do estudo de caso em três fases, sendo uma primeira aberta ou exploratória, a segunda mais sistemática em termos de coleta de dados e a terceira consistindo na análise e interpretação sistemática dos dados e na elaboração do relatório. (LÜDKE; ANDRÉ, 1988, p. 21).

Com este método, o aluno analisará o conteúdo esportivo das edições online e impressas da Zero Hora. Assim, a matéria prima estará selecionada, detalhada e interpretada para a monografia. O pesquisador deve enxergar o estudo de caso como o recorte de uma realidade. Dentro de um universo, o estudo de caso preocupa-se com uma situação delimitada pelo estudante. O estudo de caso, como método, contempla o grande número de variáveis que podem incidir sobre um tema específico.

O estudo de caso é o estudo de um caso, seja ele simples e específico, como o de uma professora competente de uma escola pública, ou complexo e abstrato, como o das classes de alfabetização (CA) ou o do ensino noturno. O caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo. O caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular. Segundo Goode e Hatt (1968), o caso se destaca por se constituir numa unidade dentro de um sistema mais amplo. O interesse, portanto, incide naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que posteriormente venham a ficar evidentes certas semelhanças com outros casos ou situações. Quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si mesmo, devemos escolher o estudo de caso. (LÜDKE; ANDRÉ, 1988, p. 17).

Na ferramenta intitulada estudo de caso, o pesquisador não deve abandonar algumas premissas. Uma delas é a sede pela descoberta. Por mais que o estudante conte com ideias pré-concebidas sobre o tema é normal que encontre novas variáveis durante sua monografia.

Por outro lado, o estudante também pode utilizar da análise de conteúdo para desenvolver sua monografia. Com esse aspecto do método, os mais variados discursos podem ser investigados por meio de diversas ferramentas de pesquisa. O estudo sistemático de dados coletados em entrevistas ou questionários provoca inferências do pesquisador. A característica comum da análise de conteúdo é uma técnica controlada para interpretar e explicar um discurso. Conforme Bardin (2011, p. 44), “A análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das

comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”.

O objetivo da análise de conteúdo é compreender o sentido de um texto ou discurso. Através do conjunto de técnicas, as intenções do emissor serão materializadas em dados estatísticos que devem ser explicados pelo pesquisador. Bardin (2011) sintetiza os objetivos da análise de conteúdo.

A superação da incerteza: o que eu julgo ver na mensagem estará lá efetivamente contido, podendo esta “visão” muito pessoal ser partilhada por outros? Por outras palavras, será a minha leitura validade e generalizável? ; E o enriquecimento da leitura: se um olhar imediato, espontâneo, é já fecundo, não poderá uma leitura atenta aumentar a produtividade e a pertinência? Pela descoberta de conteúdos e de estruturas que confirmam (ou infirmam) o que se procura demonstrar a propósito das mensagens, ou pelo esclarecimento de elementos de significações suscetíveis de conduzir a uma descrição de mecanismos de que *a priori* não possuímos a compreensão. (BARDIN, 2011, p. 35).

Entretanto, o pesquisador precisa observar as diretrizes da análise de conteúdo. Uma análise bem sucedida é sustentada por princípios como a homogeneidade, exaustividade e exclusividade, dentre outros pressupostos. O respeito a essas regras permite que os dados sejam analisados de maneira confiável pelo pesquisador. Ou seja, o zelo nessa etapa é um dos fiadores da monografia final. Bardin (2011) aborda algumas regras para a análise de conteúdo:

Homogêneas: poder-se-ia dizer que “não se mistura alhos com bugalhos”; Exaustivas: esgotar a totalidade do “texto”; Exclusivas: um mesmo elemento do conteúdo não pode ser classificado aleatoriamente em duas categorias diferentes; - objetivas: codificadores diferentes devem chegar a resultados iguais; adequadas ou pertinentes: isto é, adaptadas ao conteúdo e ao objetivo. (BARDIN, 2011, p. 14).

Na mesma linha, o pesquisador deve entender que a análise de conteúdo somente encontra-se completa com a inferência. De acordo com Bardin (2011, p.44), “A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção [...], inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)”.

Na análise de conteúdo, Bardin (1998) destacou sete técnicas principais que levam o pesquisador até o estágio da inferência: análise categorial, análise de avaliação, análise da enunciação, análise de expressão, análise de contingência, análise estrutural e análise do discurso.

A análise categorial consiste em desmembrar o texto em unidades que são denominadas categorias. Depois dessa divisão, o discurso pode de modo rápido e direto passar por uma investigação temática. A análise categorial é a mais antiga e ao mesmo tempo mais utilizada na atualidade. No trabalho proposto, a ferramenta auxiliará o pesquisador a selecionar aspectos comuns no texto do jornalismo esportivo. Assim, a análise categorial garantirá celeridade na pesquisa desenvolvida.

Por outro lado, a análise de avaliação trata das atitudes do locutor em sua fala. Ou seja, as reações e a linguagem do jornalista esportivo quando se defronta com aspectos que exigem uma análise tática. Bardin (2011) aborda a linguagem utilizada neste método de análise.

À concepção da linguagem em que esta análise se fundamenta chama-se “representacional”, isto é, considera-se que a linguagem representa e reflete diretamente aquele que a utiliza. Por conseguinte, podemos nos contentar com os indicadores manifestos, explicitamente contidos na comunicação para fazer inferência a respeito da fonte de emissão. (BARDIN, 2011, p. 203).

Enquanto isso, a análise de enunciação trabalha com o discurso como palavra em ato. As reações do jornalista esportivo são investigadas tanto na forma quanto no conteúdo do discurso.

Já a análise de contingência não se limita a contabilizar o número de vezes que uma palavra aparece no texto. Na contramão da simples contagem, ela investiga o modo como os elementos estão organizados em um texto. A técnica analisa os itens e a importância dispensada a eles dentro de uma matéria. No jornalismo esportivo, serão analisadas as palavras e suas significações dentro da cobertura do impresso e online da Zero Hora.

Por sua vez, a análise estrutural acredita que a matéria é uma realidade estruturada. Nesta técnica, o pesquisador deve desvendar a realidade oculta por trás da estrutura.

Para finalizar as sete principais técnicas de análises, apresenta-se a análise de discurso. Nesta ferramenta, o analista estabelece ligações entre a produção e o discurso dos entrevistados.

Para concluir, o pesquisador que buscar aliar as especificidades de seu tema com o método de análise de conteúdo possui um norte para executar um trabalho relevante para a academia.

4.2. CONTRASTE: TEORIA X ENTREVISTA X RECORTE

Nesta monografia, a análise de conteúdo será utilizada para comparar a profundidade e espaço dos materiais de análises táticas de futebol no jornalismo impresso e online.

Nas plataformas de pesquisa, o recorte de pesquisa quantitativo selecionou as matérias dos dois sábados que antecederam as finais do Campeonato Gaúcho de Futebol de 2015. Assim, a análise de conteúdo se concentrará nas publicações de 25 de abril de 2015 e 02 de maio de 2015. A escolha justifica-se pelo torneio mobilizar as comunidades de todo o Rio Grande do Sul, bem como, sua imprensa esportiva. As finais do Campeonato Gaúcho são tratadas como o ápice do futebol estadual no primeiro semestre.

Com outro viés de pesquisa, o recorte de pesquisa qualitativo selecionou as publicações esportivas no período de 20 de abril de 2015 até 03 de maio de 2015. Em comparação com o recorte quantitativo, o período foi estendido em função do baixo número de matérias com conteúdo tático aprofundado, conforme mostram as tabelas 1 e 2. Desse modo, análise qualitativa somente seria possível com matérias que utilizassem as observações táticas de futebol. Assim, o corpus atinge os 14 dias em que a imprensa gaúcha priorizou os conteúdos voltados ao Gre-Nal.

Diante do desafio de compararmos a profundidade das análises táticas de futebol nas plataformas impressa e online, a análise de conteúdo abordará algumas das características dos meios mencionadas nos capítulos anteriores.

Como abordado anteriormente, o jornalismo impresso prioriza uma linguagem acessível a todos os leitores do periódico. De acordo com Barbeiro e Rangel (2006), uma explicação básica sobre os termos técnicos deve universalizar o público leitor. Na mesma linha, o jornalista também deve fugir de vocabulários complexos que distraiam o receptor do verdadeiro conteúdo da mensagem.

O surgimento e rápido crescimento da internet acarretam mudanças na linguagem do jornalismo impresso. No aproveitamento das análises táticas de futebol, os veículos devem optar por conteúdos gráficos, por exemplo. Através da ilustração, o tema, que muitas vezes é julgado como de difícil aprendizado, pode aproximar-se do público da editoria.

O editor de esportes de Zero Hora, Diego Araújo (2015), afirma que a linguagem do jornalismo impresso apresenta dificuldades para o aproveitamento das

análises táticas de futebol. Araújo (2015) menciona a falta de espaços no impresso como empecilho. Para ele, o trabalhoso processo de computação gráfica também distancia as análises táticas das pautas diárias do jornal.

Na edição da quinta-feira 23 de abril de 2015, o caderno esportivo de Zero Hora destacou os aspectos táticos do Clube Atlético Mineiro. A equipe de Belo Horizonte enfrentaria o Sport Club Internacional pelas oitavas de final da Copa Libertadores da América.

Figura 1- *Print screen* de matéria de Zero Hora em 23.04.15



A matéria do recorte de pesquisa (figura 1) demonstra características importantes das análises táticas no jornalismo impresso. O texto é compacto e a linguagem simplificada. Seguindo a ferramenta de análises de avaliação, percebe-se que termos populares como “mais fixos” e “movediços” representam a intenção do jornalista esportivo ao dissecar o tema de análises táticas. O distanciamento de termos mais rebuscados também encontra apoio nas sugestões de Barbeiro e Rangel (2006), que foram citadas nesta monografia.

Como se percebe na figura 1, a presença de um infográfico indica a importância de uma ilustração para o desenvolvimento do tema. Na imagem, os jogadores aparecem distribuídos na representação de um campo de futebol. O esquema tático mencionado no texto é identificado por linhas horizontais que os círculos pretos compõem.

Por outro lado, a linguagem do *online* apresenta um leque de ferramentas para o aproveitamento das análises táticas de futebol. Conforme mencionado em capítulo anterior, Pinho (2003) alerta para a utilização de *links* e outras mídias como forma de enriquecer uma matéria *online*.

Nas análises táticas de futebol, o vídeo pode contribuir na publicação de matérias no jornalismo *online*. Por meio do recurso visual, o receptor visualiza o sistema tático de sua equipe e as implicações na partida.

A editora de esportes *online* de Zero Hora, Débora Pradella (2015), aborda as potencialidades da linguagem *online*: “A possibilidade do vídeo é um exemplo claro de vantagem do *online*. A ferramenta possibilita inclusive uma melhor compreensão do público. [...] Nesse ponto, o digital facilita a compreensão da análise tática através da animação”.

O *site* de Zero Hora publicou uma análise tática do jogo entre Sport Club Internacional x Club The Strongest logo após o encerramento da partida. O confronto foi válido pela última rodada da fase de grupos da Copa Libertadores da América de 2015.

Figura 2- Print screen do site de Zero Hora em 22.04.15

Vídeo

Desenho Tático: a boa e a má notícia na vitória do Inter

André Baibich analisa o que funcionou e o que não deu certo na atuação colorada diante do The Strongest

22/04/2015 - 23h05min

Compartilhar    



03:52

Desenho Tático: a boa e a má notícia da vitória do Inter contra o The Strongest

Imagem: Marcelo Oliveira/Agência RBS

A noite de quarta-feira no Beira-Rio teve um quê de O Médico e o Monstro. Assim como Dr. Jekyll e Mr. Hyde se alternam nas páginas do romance escrito pelo escocês Robert Stevenson, o time dirigido por Diego Aguirre variou entre a grande atuação do primeiro tempo e a pavorosa exibição dos 45 minutos finais.

A publicação exemplifica a utilização de vídeos na linguagem *online*. O vídeo é posicionado logo abaixo do título da matéria com a intenção de chamar a atenção do leitor. O usuário pode assistir durante pouco menos de três minutos os fatores

táticos que levaram o clube gaúcho ao triunfo. Na figura 2, observa-se que o texto da postagem é colocado abaixo do vídeo. Inclusive, o parágrafo faz referências a uma obra literária. A comparação entre o conteúdo tático da partida e o livro visivelmente busca aproximar o leitor da temática do vídeo.

Na mesma postagem, a figura 3 demonstra que o vídeo recorre a um campo de botão para conduzir o receptor até as quatro linhas que regem o futebol.

Figura 3 – *Print screen* de detalhe na publicação de 22.04.15



A figura 3 registra as ilustrações do jornalista com relação às análises táticas. O movimento dos botões indica comportamentos dos jogadores no terreno de jogo. Desta forma, o usuário que clicou no vídeo pode facilmente compreender que os movimentos do jornalista com os botões exemplificam comportamentos táticos dos jogadores.

Na imagem, salientam-se os ícones de redes sociais posicionados na parte superior ao lado direito da imagem. A presença de tais ícones reforça a necessidade do jornalismo *online* conectar-se com os seus usuários através das redes sociais. O *layout* da página indica que o texto é secundário perante a importância do vídeo com

análises táticas. Assim, comprova-se que a linguagem *online* prioriza recursos multimídia.

A posição de diretores e editores de redação com relação ao aproveitamento das análises táticas de futebol também é discutida em referenciais teóricos. Em capítulo anterior, Cecconi (2013) lembra a existência de um tabu no jornalismo esportivo que trata a audiência como limitada intelectualmente para compreender os aspectos táticos da modalidade. O autor relata que a justificativa dos editores para barrar o conteúdo tático é a baixa audiência.

Araújo (2015) também revela o baixo interesse dos leitores pelas análises táticas de futebol, conforme verificado por Zero Hora: “As medições mostram que não é uma audiência importante na questão numérica, mas existe um grupo de leitores que gosta de análises táticas. Contudo, não costumam ser nossas matérias mais lidas”.

Entretanto, o editor de esportes alerta que as medições de audiência são insuficientes na plataforma impressa do veículo:

Dentro do impresso, não conseguimos mensurar o retorno do leitor. Temos apenas uma enquete com alguns leitores, que entram em contato com nosso atendimento ao assinante, e junto com a solução do problema dele fazemos uma pergunta sobre o que chama atenção dele no jornal. Então, alguns respondem. É um número ridículo. É uma enquete muito pequena face ao nosso número de leitores, mas ali temos uma imagem e as análises táticas de futebol nunca aparecem ali (ARAÚJO, 2015).

O recorte de pesquisa, que foi justificado no início deste item, selecionou as edições impressas que antecederam as finais do Campeonato Gaúcho de 2015. Com o objetivo de mensurar o espaço destinado às análises táticas de futebol, a tabela 1 apresenta todas as matérias publicadas na editoria de esportes de Zero Hora nas edições impressas dos dias 25 de abril de 2015 e 2 de maio de 2015. As matérias foram divididas em três categorias quanto à abordagem tática: não houve; superficial e aprofundada.

Tabela 1- Levantamento quantitativo das edições de 25.04.15 e 02.05.15

IMPRESSO						
DATA	MODALIDADE	TÍTULO	TEMA/ASSUNTO	ABORDAGEM TÁTICA		
				Não houve	Superficial	Aprofundada
25/04/2015	Futebol	Felipão: "Não tem surpresa nenhuma"	Reportagem	x		
25/04/2015	Futebol	Aguirre: "Não vou revelar a equipe"	Reportagem	x		
25/04/2015	Futebol	Findí com rivalidade locais	Agenda	x		
25/04/2015	Futebol	Quatro anos longe da bola	Brasil	x		
25/04/2015	Futebol	Sorteio da UEFA dá chance a uma final entre italianos	Mundo	x		
25/04/2015	Surfe	Mineirão	Outros Esportes	x		
25/04/2015	Automobilismo	Os desafios do circuito mais curto da Stock Car	Outros Esportes	x		
25/04/2015	Vôlei	Rexona e Molico decidem a Superliga	Outros Esportes	x		
25/04/2015	Futebol	Diogo Oliver: Sem chororô	Opinião	x		
25/04/2015	Futebol	Zini Pires: Orelhuda	Mundo	x		
25/04/2015	Futebol	De fora da área: O Gre-Nal 405 tem favorito?	Opinião	x		
25/04/2015	Futebol	Wianey Carlet: Bravata	Opinião	x		
02/05/2015	Futebol	Piffero blinda D'ale	Reportagem		x	
02/05/2015	Futebol	Felipão esconde time	Reportagem		x	
02/05/2015	Futebol	Quem chega melhor ao Gre-Nal?	Opinião		x	
02/05/2015	Boxe	A Megaluta do Boxe	Outros Esportes	x		
02/05/2015	Futebol	Rio Grande e Nova Prata são rebaixados	Interior	x		
02/05/2015	Basquete	Em casa, Caxias vence e sai na frete da decisão da Liga Ouro	Outros Esportes	x		
02/05/2015	Ginástica	Arthur Zanetti tira melhor nota da carreira nas argolas no Mundial de São Paulo	Outros Esportes	x		
02/05/2015	Futebol	Mês de decisões no futebol	Agenda	x		
02/05/2015	Futebol	Diogo Oliver: É só um jogo	Opinião	x		
02/05/2015	Futebol	Zini Pires: Número 1	Mundo	x		
02/05/2015	Futebol	De fora da área: Torcida mista, vitória da maioria	Opinião	x		
02/05/2015	Futebol	Wianey Carlet: O Sonho	Opinião	x		
SUBTOTAL IMPRESSO:				21 matérias	3 matérias	Nenhuma matéria

Nas análises de conteúdo de Bardin (2011), uma das principais ferramentas é a análise categorial. Assim, o pesquisador desmembra o texto em unidades e garante celeridade na monografia desenvolvida. Na tabela 1, nota-se que as matérias do impresso dificilmente abordam as análises táticas de futebol. Em um levantamento com 24 matérias, 87,5% delas não entram no tema das análises táticas. Enquanto, 12,5% abordam as análises táticas com superficialidade. No recorte de pesquisa do impresso, nenhuma matéria apresentou conteúdo tático aprofundado nas edições impressas de Zero Hora. Os números ressaltam as posições de Araújo (2015) e Cecconi (2013) que relatam o baixo aproveitamento das análises táticas no jornalismo impresso.

Como exemplo de matéria que abordou superficialmente o tema, cita-se que na véspera do segundo clássico entre Grêmio Foot-ball Porto Alegrense e Sport Club Internacional pelas finais do Campeonato Gaúcho, a editoria de esportes de Zero Hora publicou a matéria *Felipão Esconde o time*.

Figura 4 - Print screen da matéria de Zero Hora em 02.05.15



LUÍS HENRIQUE BENFICA



Torcidas isoladas

Com exceção da torcida mista, onde existe a garantia de convivência pacífica, colorados e gremistas não terão contato no clássico de amanhã. Por pedido da BM, o Inter irá isolar a área por onde passarão os torcedores do Grêmio na chegada ao Beira-Rio.

Em 1º de março, um conflito entre as duas torcidas, iniciado fora do estádio, estendeu-se até as proximidades do edifício-garagem. Pedras foram jogadas em policiais, provocando a queda de um deles do cavalo. Alguns carros foram danificados.

Desta vez, torcedores dos dois clubes sequer irão se enxergar.

Conversa ao pé do ouvido: Felipão e o dirigente Rui Costa trocaram ideias no gramado do CT Luiz Cavalho

FELIPÃO ESCONDE TIME

AINDA SEM SABER se poderá contar com Felipe Bastos e Yuri Mamute, o técnico não revelou a equipe que começará a partida. Treinador comanda o último treino hoje

Desta vez, é com mistério. Sem saber se Felipe Bastos e Yuri Mamute estão recuperados, Felipão precisará esperar pela reação dos dois após o treinamento final, hoje, para confirmar a equipe. No clássico da Arena, o técnico havia confirmado o time na sexta-feira.

Tanto Felipe Bastos quanto Mamute treinaram ontem. E até participaram das cobranças de pênalti, que poderão apontar o campeão gaúcho caso se repi-

ta o empate sem gols. A tendência é de que os dois sejam liberados. Mamute, contudo, seria opção entre os reservas.

Diante da incerteza da participação de Felipe Bastos, Wallace vira alternativa. Na entrevista de ontem, Felipão lembrou que o volante havia feito boa estreia no clássico do primeiro turno do Brasileirão de 2014. O mesmo jogo em que Felipão comandou a equipe pela primeira vez em seu retorno.

Como no primeiro Gre-Nal, o Grêmio

terá um banco de reservas formado basicamente por garotos criados na base. É o caso do goleiro Tiago, do zagueiro Gabriel Silva, do meia Lincoln e do atacante Everton, além de Wallace.

– Estou satisfeito com eles. Podem iniciar uma vida dentro do Grêmio com possibilidade muito grande de sucesso – analisou.

Na sequência, o técnico não descartou que um dos jovens comece o Gre-Nal deste domingo.

Sem resposta ao presidente do Inter

Felipão esquिवou-se de responder às críticas de Vitorio Piffero. E aproveitou a entrevista para fazer um apelo à paz.

– Parece que devo ir a julgamento na polícia ou no Supremo Tribunal Federal – comentou o técnico, sobre a acusação do presidente do Inter de

que bateu boca com D'Alessandro no clássico da Arena.

Lembrou de ter sido expulso contra o Novo Hamburgo, na primeira fase, por “hipoteticamente” ter criticado a arbitragem. E pediu a punição de quem falar com o respeito no jogo de amanhã.

Para Felipão, o mais importante é que a torcida mista dê exemplo. Nesse sentido, apelou a que os derrotados aplaudam o time vencedor. E disse sonhar com Gre-Nais em que 30% ou 40% do estádio sejam reservados aos torcedores visitantes.

A PROVÁVEL ESCALAÇÃO



Na figura 4, observa-se que o repórter não entra nos meandros das análises táticas para abordar as consequências táticas da escalação de um ou outro atleta. Um dos exemplos do distanciamento com o conteúdo tático aparece nas seguintes frases: “Diante da incerteza da participação de Felipe Bastos, Wallace vira alternativa. Na entrevista de ontem, Felipão lembrou que o volante havia feito boa estreia no clássico do primeiro turno do Brasileirão de 2014”. Na matéria, nota-se

que o repórter esportivo limitou-se a citar a posição de volante, pela qual os dois atletas disputavam uma vaga.

A figura 5 mostra o detalhe gráfico no canto direito inferior da página:

Figura 5 - *Print screen* de detalhe gráfico da matéria de Zero Hora em 02.05.15



A figura 5 apresenta, mais uma vez, a presença de uma ilustração do campo com a posição dos jogadores. O público pode entender que a provável escalação do time será no esquema 4-5-1. Como já abordado nos capítulos anteriores, o goleiro é desconsiderado na contagem de números do sistema tático. Na ilustração, nota-se que a defesa será composta por quatro jogadores posicionados antes da linha divisória do gramado, são eles: Matias, Rhodolfo, Erazo e Marcelo Oliveira. O meio de campo conta com cinco jogadores posicionados na faixa intermediária da ilustração, são eles: Felipe Bastos, Maicon, Giuliano, Douglas e Luan. Neste ponto, observa-se que o repórter não aprofundou questões de posicionamento. O aficionado por esporte sabe que o volante Felipe Bastos costuma jogar mais recuado do que seu companheiro Maicon, entretanto os dois aparecem em linha no gráfico, sem abordar essa diferença. Na faixa mais avançada do gramado, aparece o centroavante Braian Rodríguez de forma isolada.

A presença de conteúdo gráfico para aproximar o tema do leitor é notada, de forma a reforçar as ideias de Barbeiro e Rangel (2006), conforme já abordado neste capítulo. Entretanto, a ilustração carece de aprofundamento tático conforme apontado na tabela 1.

A página (figura 4) é recheada com as matérias: *Sem resposta ao presidente do Inter*, *Torcidas Isoladas* e *Lista de Espera*. As três matérias não apresentam conteúdo tático e tratam de temas periféricos com relação à preparação gremista ao clássico do dia 3 de maio de 2015.

Por outro lado, o jornalismo online busca novos horizontes para a cobertura esportiva. Unzelte (2009) defende que os *sites* esportivos devem caminhar para o enriquecimento dos seus conteúdos.

Pradella (2015) acredita que o público do jornal prefere matérias que abordem temas acerca de negociações de jogadores ou sobre as finanças do público em detrimento do conteúdo tático. A posição dela pode indicar que as matérias com conteúdos táticos são barradas pelos editores em função de uma predileção por temas mais atrativos. Pradella (2015) sugere que o interesse pelas observações táticas de futebol não é grande. Entretanto, pondera que a baixa procura pode estar ligada com a baixa oferta de conteúdos. A editora de esportes da plataforma *online* de Zero Hora lembra que o veículo trabalha com métricas na audiência do *site*. Ela relata que as matérias com análises táticas de futebol não costumam aparecer entre as 20 publicações mais lidas dentro da editoria de esportes da plataforma *online*. Segundo dados citados por Pradella (2015), “as matérias com conteúdo tático não ultrapassam 1,5% do total da audiência diária da editoria *online*”.

Nas vésperas das finais do Campeonato Gaúcho de 2015, selecionou-se todo o conteúdo publicado na editoria de esportes da plataforma *online* da Zero Hora. O recorte quantitativo tem como objetivo demonstrar o espaço destinado às análises táticas de futebol dentro do jornalismo *online* de um veículo tradicional de comunicação no Rio Grande do Sul. Contextualiza-se que esta edição do campeonato foi decidida em dois clássicos entre o Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegre e Sport Club Internacional. O título ficou nas mãos dos colorados, que chegaram à 44ª taça no torneio disputado anualmente. Desse modo, a tabela 2 é um panorama dos dias 25 de abril de 2015 e 2 de maio de 2015 no *site* de Zero Hora:

Tabela 2 - Levantamento quantitativo do site em 25.04.15 e 02.05.15

(continua)

ONLINE						
DATA	MODALIDADE	TÍTULO	TEMA/ ASSUNTO	ABORDAGEM TÁTICA		
				Não houve	Superficial	Aprofundada
25/04/2015	Futebol	Futebol na TV: Rivalidades citadinas no final de semana	Agenda	x		
25/04/2015	Futebol	Pedro Ernesto: Gre-Nal com casa cheia	Opinião	x		
25/04/2015	Futebol	Coluna do Cacalo: Tudo é Gre-Nal	Opinião	x		
25/04/2015	Futebol	Zé Victor Castiel: Gre-Nal sempre	Opinião	x		
25/04/2015	Futebol	Carência de títulos não assusta Felipão: "Aqui, as coisas são cíclicas"	Reportagem	x		
25/04/2015	Futebol	Diogo Olivier: árbitros dos Gre-Nais impedem chororô	Opinião	x		
25/04/2015	Futebol	Luiz Zini Pires: a Libertadores não sai da cabeça do Inter	Opinião	x		
25/04/2015	Futebol	Dos dois lados do clássico: ao Grêmio, Christian aconselha dedicação total	Especial	x		
25/04/2015	Futebol	Dos dois lados do clássico: ao Inter, Christian recomenda jogar pelo torcedor	Especial	x		
25/04/2015	Futebol	Wianey Carlet: sem favorito, Gre-Nal será resolvido dentro de campo	Opinião	x		
25/04/2015	Automobilismo	Etapa da Stock Car no Velopark terá "Gre-Nal de pilotos"	Outros Esportes	x		
25/04/2015	Futebol	Pela supremacia do Rio Grande do Sul, Grêmio e Inter iniciam final do Gauchão	Reportagem		x	
25/04/2015	Futebol	Felipão surpreende e relaciona Yuri Mamute para o Gre-Nal 405	Reportagem	x		
25/04/2015	Tênis	Teliana vence 11ª seguida e avança em Marrakech	Outros Esportes	x		
25/04/2015	Futebol	Koff segue em acompanhamento clínico e sem previsão de alta, diz boletim médico	Boletim Médico	x		
25/04/2015	Futebol	Wianey Carlet: que os gremistas saibam recepcionar os colorados com fidalguia	Opinião	x		
25/04/2015	Futebol	Sará e Baiano: a torcida mista dos excluídos	Especial	x		
25/04/2015	Futebol	Trio sulamericano chega a 97 gols na temporada e Barcelona vence o Espanyol	Mundo	x		
25/04/2015	Futebol	Ernando alerta: "Temos que ter cuidado com o Luan, ele faz a diferença"	Reportagem	x		
25/04/2015	Futebol	Aguirre e Felipão: mais fortes e mais confiantes	Reportagem		x	
25/04/2015	Futebol	Técnicos que enfrentaram a dupla Gre-Nal revelam os pontos fortes de Grêmio e Inter	Reportagem		x	
25/04/2015	Futebol	Lavezzi brilha, marca três gols e PSG atropela Lille no Francês	Mundo	x		
25/04/2015	Futebol	Futebol na TV e outros esportes: confira a programação deste domingo	Agenda	x		
25/04/2015	Automobilismo	Em disputa apertada, Marcos Gomes marca a pole no Velopark	Outros Esportes	x		
25/04/2015	Futebol	Sandro Sotilli estreia sem gols no campeonato amador de Santa Maria	Interior	x		
02/05/2015	Futebol	David Coimbra: quero que o Grêmio seja campeão	Opinião	x		
02/05/2015	Futebol	Carlos Eduardo Richinitti: torcida mista, vitória da maioria	Opinião	x		
02/05/2015	Futebol	Guerra: vale o caneco	Opinião	x		
02/05/2015	Futebol	Coluna do Cacalo: quem sabe faz a hora	Opinião	x		
02/05/2015	Futebol	Zé Victor Castiel: Aguirre merece ser campeão gaúcho	Opinião	x		
02/05/2015	Futebol	Pedro Ernesto: que o melhor ganhe um Gre-Nal com paz e muito futebol	Opinião		x	
02/05/2015	Futebol	Diogo Olivier: Gre-Nal é só um jogo de futebol	Opinião	x		
02/05/2015	Futebol	Luiz Zini Pires: para dar certo, Copa Sul-Minas precisa de um bom patrocinador	Opinião	x		
02/05/2015	Futebol	Wianey Carlet: Aguirre e Felipão não têm mais dúvidas	Opinião	x		
02/05/2015	Boxe	Floyd Mayweather e Manny Pacquiao promovem a "luta do século" do boxe	Outros Esportes	x		
02/05/2015	Futebol	Comentaristas opinam: quem chega melhor no Gre-Nal 406?	Opinião		x	
02/05/2015	Futebol	Leonardo Oliveira: por que o Gauchão virou banquete para o Inter	Opinião	x		

(conclusão)

02/05/2015	Futebol	Leonardo Oliveira: por que o Gauchão virou banquete para o Grêmio	Opinião	x		
02/05/2015	Futebol	Diogo Olivier: o motivo da irritação de Piffero	Opinião	x		
02/05/2015	Futebol	Wianey Carlet: faz tempo demais que o Grêmio não ganha um título	Opinião	x		
02/05/2015	Futebol	Com previsão de Beira-Rio lotado, Gre-Nal 406 decide o Gauchão 2015	Reportagem		x	
02/05/2015	Futebol	Hernán Barcos e Marcelo Moreno: confronto "gremista" na China	Mundo	x		
02/05/2015	Futebol	Matias Rodríguez diz que Grêmio não pode "sair como louco"	Reportagem		x	
02/05/2015	Futebol	Aguirre faz treino fechado com 19 jogadores para o Gre-Nal	Reportagem		x	
02/05/2015	Remo	Competição master de remo movimentada orla do Guaíba	Outros Esportes	x		
02/05/2015	Futebol	Trio MSN faz mais uma vítima e massacra o lanterna do Espanhol	Mundo	x		
02/05/2015	Futebol	Em gráfico, relembre momentos de Gre-Nais que decidiram o Gauchão	Especial	x		
02/05/2015	Futebol	Coutinho e Gerrard marcam, e Liverpool bate o QPR pelo Inglês	Mundo	x		
02/05/2015	Boxe	Popó provoca Mayweather: "Não estaria invicto se tivesse passado por mim"	Outros Esportes	x		
02/05/2015	Futebol	Luiz Zini Pires: Cartas de Gre-Nal	Opinião	x		
02/05/2015	Futebol	Diogo Olivier: O medo de perder o Gre-Nal	Opinião	x		
02/05/2015	Futebol	Juventus vence a Sampdoria e conquista o quarto campeonato italiano seguido	Mundo	x		
02/05/2015	Futebol	Luan e Valdívia: os jovens que podem decidir o Gauchão 2015	Reportagem	x		
02/05/2015	Futebol	Futebol na TV e outros esportes: confira a programação deste domingo	Agenda	x		
02/05/2015	Futebol	Jonas marca, Benfica vence e fica perto do bicampeonato português	Mundo	x		
02/05/2015	Natação	Nadadora medalhista no Pan morre após ser atropelada no Rio de Janeiro	Outros Esportes	x		
02/05/2015	Patinação	Marcel Stürmer vence Campeonato Brasileiro e anuncia despedida de competições nacionais	Outros Esportes	x		
SUBTOTAL ONLINE:				49 matérias	8 matérias	Nenhuma matéria

O conceito de análise categorial de Bardin (2011) é utilizado mais uma vez na tabela 2. Na plataforma *online*, o veículo volta a apresentar um espaço reduzido para conteúdo com análises táticas. Em um total de 57 publicações, 84,1% não mencionam o conteúdo tático. Enquanto, 15,9% utilizam as análises táticas de forma superficial. Salienta-se que o recorte leva em consideração que publicações são as reportagens e também os comentários dos colunistas esportivos de Zero Hora. Repete-se o fato, já notado na plataforma impressa, de nenhuma matéria abordar com profundidade as questões táticas da modalidade. O parâmetro utilizado neste trabalho é de que uma matéria com conteúdo tático é considerada profunda quando não se limita a tratar dos sistemas táticos das equipes, mas também esclarece movimentos organizados entre os jogadores, formatos de marcação, estratégias de ataque, entre outros.

A tabela 2 vai ao encontro da abordagem de Ferrari (2009) a respeito da linguagem do jornalismo online. Para a autora citada em capítulos anteriores, a

internet tem moldado produtos editoriais diferenciados com a característica da personalização. Assim, os usuários que buscam matérias com conteúdo tático de futebol encontram o que desejam com maior diversidade no *online* em comparação com o impresso. Na tabela 1, as edições impressas apresentaram três matérias com conteúdo tático, enquanto na tabela 2, o *site* do veículo apresentou oito matérias nas mesmas datas.

O aproveitamento editorial das análises táticas de futebol também passa pela capacitação dos jornalistas esportivos. Como já visto, para Unzelte (2009, p. 123), “trata-se de um campo ainda em desenvolvimento, mas que pode ser explorado tanto na cobertura de um evento quanto em colunas de opinião [...]”. Cecconi (2013) entende que o profissional que se especializar em análises táticas de futebol poderá fornecer informações mais relevantes à audiência.

Zero Hora opta por trabalhar com uma redação integrada. Assim, o profissional responsável por escrever sobre análises táticas de futebol na plataforma impressa também executa a função na plataforma *online*. Araújo (2015) indica que nem todos os profissionais possuem essa especialização em observações táticas de futebol:

Temos algumas pessoas que gostam de fazer análise tática, que estão capacitados a fazer, que se interessam pelo meandro do jogo de futebol. Ou seja, temos pessoas muito capacitadas aqui, mas representam 30% da editoria. Se eu tenho uma matéria de análises tática para ser feita, eu vou passar para essas pessoas. (ARAÚJO, 2015).

Araújo (2015) aponta que o processo de aprimoramento do profissional na temática é realizado por uma paixão autodidata. Ele destaca que o aumento do aproveitamento de pautas com análises táticas no veículo aconteceu depois da sugestão dos profissionais André Baibich e Leonel Chaves, repórteres da editoria de esportes de Zero Hora. O editor cita que o conteúdo tático na editoria tem crescido em aproveitamento e importância nos últimos dois anos.

A edição de Zero Hora de 27 de abril de 2015 destacou os aspectos táticos visualizados no primeiro clássico Grenal da final do campeonato Gaúcho. A matéria utilizou conteúdo gráfico para mostrar ao leitor as questões táticas que levaram o confronto a terminar em um empate sem gols.

Figura 6 - Print screen de matéria de Zero Hora em 27.04.15

DESENHO TÁTICO

XADREZ EM ALTA VELOCIDADE

Domínio tricolor

A superposta pré-jogo foi de Diego Aguirre. Não Freitas entrou, e o Inter abandonou o 4-2-3-1 das últimas jogas em nome de um 4-4-2, com o meio desenhado em losango.

O Grêmio se montou no 4-2-3-1 e teve superioridade no primeiro tempo. O Inter conseguiu trocar passes e escapar da pressão nos minutos iniciais, utilizando a aproximação de Gefferson, Acunã e D'Almeida pela esquerda. Mas a movimentação dos meios germeiros, combinada com a marcação adiantada que sempre se abala no campo de ataque, encorajou os colorados nos instantes que antecedem a intercalo.

Douglas recorre para apagar o saída de bola e Luiz vai para entre o meio e o lado esquerdo. Os desarmes lá na frente mantinham o Inter enxuto.

As resoluções finais tricolors aparecem quando os meios colorados de Felipe se infiltraram na área. Mas, por cima, o Douglas, à esquerda, desperdiça.

FALTOU ESPAÇO nas pranchetas para anotar tantas mudanças. O duelo tático do Gre-Nal foi repleto de alternativas. Os gols não vieram, mas sobrou disputa por espaços dos dois lados. **Zé** relembra os melhores momentos do tabuleiro de peças humanas no gramado da Arena

Lateral ativo

Ainda que o Inter tenha melhorado com entrada de Vaidya, em o Grêmio quer tentar a iniciativa e ocupar o campo de ataque no início da segunda etapa.

A insistência para buscar o lado esquerdo os subsídios de Marcelo Oliveira.

A aproximação de Giuliano, Douglas e Luan na região central do campo abriu o caminho para que o camisa 9 avance e busque chegar à linha de fundo.

Muitas vezes se detinham de frente para William e buscava um dos jogadores encostar para que a tabela saísse em cima e jogue lateral colorado.

Em um dos lances, Marcelo Oliveira passou a Douglas e recebeu de volta na área para finalizar com péga, para fora.

Inter no 4-2-3-1

Em um lance perto de sua prioridade e sofreu com erros de passe diante da marcação do Grêmio na saída de bola, o Inter recuou no intervalo na esperança de mudar o cenário da partida.

Diego Aguirre voltou ao 4-2-3-1, que lhe deu os vitórias sobre Universidad de Chile e The Strongest.

A substituição foi usada sobre o atacante Neco Freitas e entrou o atacante Vaidya para reforçar a linha de meios, aberto pelo lado esquerda.

Com a modificação, Ricardo Sobis passou a ocupar o comando direito, com D'Almeida ainda na região central e a dupla de volantes à frente da área formada por Rodrigo Dornelles e Aránguez para dar proteção à zaga.

Linhas de quatro

O cenário evoluiu do ataque germeiro forte. Felipe se reorganizou a equipe em um 4-4-2, com duas linhas de quatro.

De imediato, tirou o meio no lugar de Brian Rodríguez e Douglas fez a função do único atacante, mas logo Felipe viu a possibilidade de ser jogado vezes para tentar os contra-ataques. Cristian Rodríguez entrou no lugar do camisa 10 e ocupou, na maior parte do tempo, a posição mais afastada da equipe.

Pela esquerda

Marcelo Oliveira pode ter causado problemas, mas a saída de contra-ataque do Inter, insistente nos minutos finais do primeiro tempo, foi decisiva para transformar o jogo e comandar a reação.

Gefferson e Vaidya foram responsáveis diretos pela reação. O meio-atacante ajudava a tirar a equipe de trás com as marcações a dribles, mas não se limitava aos lances individuais. Sua movimentação em direção ao meio permitia que Gefferson também se projetasse, em curvas, que nem sempre é muito desfavoravelmente acompanhadas por Giuliano.

Já aproximando esse espaço que Gefferson recebeu com liberdade e adiantou Vaidya para que ele fizesse a espécie de Gefferson.

A hora vermelha

O cenário que se seguiu à expulsão foram os melhores do Inter. As combinações com Gefferson e Vaidya seguiram causando problemas à marcação, mas o lado esquerdo não era a única arma ofensiva.

Acunã, antes posse as funções defensivas, se sobrou para repetir a movimentação interna que o caracterizou no início do ano passado. As oportunidades apareceram em profusão e o Grêmio só se sobrou por Marcelo Gêze.

Conforme abordado em capítulo dedicado à metodologia, Bardin (2011) propõe a análise de discurso para estabelecer ligações entre a produção e o discurso dos entrevistados. Na figura 6, percebe-se uma matéria com análises táticas assinada pelo repórter esportivo André Baibich. A autora da matéria vai ao encontro do discurso de Araújo (2015). O editor de esportes revelou que matérias

que contêm o ângulo de análises táticas são encaminhadas para profissionais capacitados. Entre esses profissionais, Araújo (2015) destaca André Baibich e Leonel Chaves.

Na matéria *Xadrez em alta velocidade*, o repórter trata a partida como um “jogo de tabuleiro”. Desse modo, a matéria aproxima o conteúdo do público leitor e ao mesmo tempo esclarece que abordará aspectos táticos do primeiro jogo da final.

No subtítulo “Domínio Tricolor”, Baibich foge de uma análise tática superficial. Ele simplifica os sistemas táticos das equipes como o “4-2-3-1 gremista” ou o “4-4-2 colorado”. Entretanto, o jornalista esportivo não se contenta com esta abordagem simplista e vai além. O repórter refere estilos de marcação, aproximação entre jogadores e movimentações individuais e setorizadas de atletas. Como exemplo do aprofundamento nas análises táticas: “Mas a movimentação dos meias gremistas, combinada com a marcação adiantada que recuperava a bola no campo de ataque, encurralou os colorados nos instantes que antecederam o intervalo”.

Pelo lado vermelho, Baibich aborda as alterações do técnico Diego Aguirre em seu subtítulo “Inter no 4-2-3-1”. Neste parágrafo, o jornalista explica a alteração que retirou o volante Nico Freitas e adicionou o meia Valdívia ao esquema tático colorado. De forma aprofundada, ele relata as consequências táticas indiretas da substituição realizada no intervalo: “Com a modificação, Eduardo Sasha passou a ocupar o corredor direito, com D’Alessandro ainda na região central e a dupla de volantes à frente da área formada por Rodrigo Dourado e Aránguiz para dar proteção à zaga”.

Uma chance de gol tricolor motivou o subtítulo “Lateral Ativo”. Nesse ponto, o repórter cita a participação ofensiva de Marcelo Oliveira, lateral gremista. Mais uma vez, Baibich sai da obviedade ao tratar das combinações com os meias que possibilitavam uma vitória pessoal ao lateral gremista. Salienta-se a presença dos ícones com as cores azul e vermelho nas ilustrações. As linhas pontilhadas e as flechas indicam movimentações dos atletas. A presença do gráfico facilita a assimilação ao leitor.

No subtítulo “Pela Esquerda”, o analista tático trata do sistema ofensivo colorado. Ele aponta as falhas de marcação do meia gremista Giuliano. Rapidamente, os colorados Gêferson e Valdívia percebem o espaço livre e passam a focar sua movimentação naquele setor de campo. A iniciativa culmina em falta e expulsão do zagueiro gremista Pedro Geromel. Destaca-se que o repórter esportivo

preocupou-se com as causas da expulsão e não apenas com o fato em si. Dessa maneira, entende-se que a matéria oferece conteúdo tático aprofundado para o leitor de Zero Hora. A preocupação com as causas e não somente com os fatos é positiva no jornalismo impresso. Segundo Rossi (1980, p.35), “[...] é imperioso que a imprensa se debruce sobre os porquês, na medida em que rádio e televisão têm limitações congênitas para invadir esse terreno”.

A expulsão do zagueiro gremista Pedro Geromel acarretou mudanças no sistema tático gremista. As alterações são analisadas no subtítulo “Linhas de quatro”. A entrada do zagueiro equatoriano Erazo recompôs o sistema defensivo gremista. Com a leitura do texto, conclui-se que o uruguaio Cristian Rodríguez foi improvisado na posição mais avançada do sistema. O discurso do jornalista mostra conhecimento de causa. Baibich poderia simplesmente ter apontado Cristian Rodríguez na posição de meia, afinal, esta é a posição tradicional do jogador, entretanto observou que ele ocupava a faixa de campo de um atacante no sistema tático.

No subtítulo “A hora vermelha”, o autor da matéria não mostrou a mesma análise tática profunda. Baibich limitou-se a tratar do vácuo surgido na expulsão e mencionou algumas armas ofensivas utilizadas pelo Internacional. Esse parágrafo é o único na página que não dispõe de um gráfico explicativo.

Em contraste com o material produzido pelo jornalismo impresso, percebe-se que os referenciais teóricos incentivam um maior aproveitamento das análises táticas. Dentro das entrevistas em profundidade, Araújo (2015) cita exemplos de jornalistas que possuem capacidade para realizar observações táticas com profundidade, entretanto pondera que a maioria da redação não possui essa capacidade. Na figura 5, observa-se uma matéria de André Baibich, um dos citados pelo editor. A matéria dispõe de conteúdo tático aprofundado, entretanto ainda é rara na plataforma impressa, conforme se pode observar na tabela 1 (página 59).

Conforme abordado neste capítulo, os editores esportivos do veículo Araújo (2015) e Pradella (2015) acreditam que o veículo possui profissionais capacitados para escrever sobre análises táticas de futebol tanto no jornalismo impresso como no jornalismo *online*. Como já visto anteriormente, Cecconi (2013) afirma que a internet se caracteriza como um espaço para familiarizar e fidelizar o público ávido por análises táticas. Pradella (2015) trabalha diretamente com a editoria de esportes no *online* e pondera sobre a capacitação dos profissionais:

Obviamente, como em qualquer outro assunto, temos repórteres que gostam mais do tema e outros menos. Por exemplo, a parte de finanças do clube atrai mais alguns repórteres e outros se distanciam. Todos são capazes de fazer, mas só o André Baibich e o Leonel Chaves conseguem realizar uma análise tática com profundidade. Eles são as nossas referências. Sempre que se fala em análise tática se aciona esses dois repórteres. Dos 11 repórteres da editoria que trabalham nas duas plataformas, conseguimos retirar dois bem capacitados. São 20% da redação. (PRADELLA, 2015).

A plataforma *online* de Zero Hora inovou na cobertura das finais do Campeonato Gaúcho. Nos intervalos dos jogos, a editoria publicou as análises táticas após os primeiros 45 minutos. Em 3 de maio de 2015, o jornalista André Baibich analisou a primeira parte da disputa.

Figura 7- *Print screen* do site de Zero Hora em 03.05.15

The image is a screenshot of a web page from Zero Hora, dated May 3, 2015. The main headline is "Desenho Tático: por que o Inter foi melhor no primeiro tempo do Gre-Nal". Below the headline, a sub-headline reads: "André Baibich analisa o que funcionou e o que não deu certo na atuação de Grêmio e Inter no primeiro tempo". The article includes a photograph of two soccer players in action on a field, one in a blue and white striped jersey (Inter) and one in a red jersey (Grêmio). Below the photo, there is a video player showing André Baibich sitting at a table with a soccer pitch diagram, providing a tactical analysis. The video player shows a duration of 4:27 and has 15,057 views. The page also features social media sharing icons for Facebook, Twitter, and Google+.

A figura 8 registra os gestos explicativos do repórter esportivo durante o vídeo de aproximadamente dois minutos.

Figura 8 - *Print screen* de detalhe na publicação de 03.05.15



O vídeo de André Baibich com observações táticas será verificado através da análise de avaliação (BARDIN, 2011). A ferramenta trata das representações presentes na linguagem. Ou seja, a linguagem representa e reflete diretamente aquele que a utiliza.

O repórter inicia o vídeo em um contexto da partida. Em seguida, ele relata o esquema tático das duas equipes e indica os jogadores por botões. Por exemplo, o jornalista esportivo explica a formação tática do time colorado: “O Inter entrou em um 4-2-3-1 com Dourado e Aránguiz como volantes, Sasha pela direita, D’Alessandro pelo meio, Valdívia pela esquerda e o Nilmar na frente”. Neste ponto, a análise é superficial, mas o jornalista utiliza de forma satisfatória os recursos visuais para familiarizar o usuário. A figura 8 registra um desses momentos em que o repórter indica um botão e o identifica como o jogador Eduardo Sasha do Internacional que atua como meia aberto pelo lado direito.

Em seguida, Baibich aprofunda a discussão ao tratar dos contra-ataques do Internacional e das falhas defensivas do Grêmio. Outra vez, ele utiliza os botões para simular movimentações dos jogadores em campo. Nota-se que o discurso do repórter encontra respaldo em suas ilustrações no campo de botão. No mesmo vídeo, a figura 9 demonstra esse apelo visual do repórter.

Figura 9 - *Print screen* de ilustração na publicação de 03.05.15



Mais uma vez, o jornalista André Baibich simula um movimento do jogo, abordado em seu comentário, no tabuleiro de botão. Na figura 9, ele exemplifica a movimentação do centroavante colorado Nilmar nos contra-ataques de sua equipe.

Por fim, ele aborda as tentativas de ataque do Grêmio. Aponta a aproximação dos três meias e relata a limitação ofensiva dos laterais tricolores. Percebe-se que o jornalista esportivo não se contentou com uma análise superficial da formação tática dos times, mas aprofundou-se em movimentos ensaiados entre os jogadores. O repórter esportivo relata trocas de posições entre os atletas, movimentos ensaiados em jogadas ofensivas e estilos de marcação na parte defensiva.

No contraste, percebe-se que os referenciais teóricos pouco abordam a capacitação dos jornalistas esportivos no tema de análises táticas. As entrevistas em profundidade revelam que uma minoria dos profissionais é capacitada para tratar do tema. Enquanto, os profissionais, que desempenham a função de analista tático, podem atuar na plataforma impressa e online. O recorte de pesquisa mostrou que existem abordagens aprofundadas da parte tática da modalidade, ao mesmo tempo, comprova-se que elas são pouco frequentes. No recorte de pesquisa, nota-se que o jornalista esportivo de Zero Hora André Baibich é acionado nas pautas que englobam análises táticas com tratamento aprofundado acerca do futebol.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O início desta monografia, com o tema de A Profundidade em Análises Táticas de Futebol: Um Comparativo entre o Jornalismo Online e Impresso, encontrou motivação no forte apreço do pesquisador pela editoria esportiva. Desse modo, a proposta foi discutir os conteúdos relevantes publicados neste segmento com ênfase nas abordagens tática de futebol, modalidade conhecida como paixão nacional.

Nos primeiros passos deste trabalho, surgiu o problema de pesquisa: Nas plataformas de Zero Hora, qual é o grau de profundidade das análises táticas de futebol praticadas pelo jornalismo impresso em comparação ao jornalismo online?

Neste ponto, nota-se que os referenciais teóricos incentivam a especialização dos profissionais em conteúdo táticos. Os autores estudados também sugerem um maior aproveitamento do tema no jornalismo impresso, como forma de revitalizar os cadernos esportivos com conteúdo relevante, embora citem a dificuldade de linguagem para o aproveitamento editorial. Os teóricos relatam a necessidade de conteúdo gráfico para facilitar a assimilação das análises táticas pelos leitores da mídia tradicional. Por outro lado, os autores relatam que o jornalismo *online* pode colaborar na popularização das análises táticas de futebol. Eles mencionam dois principais fatores que incentivam a temática nesta mídia: a facilidade de linguagem que possibilita a inserção de vídeos e a conectividade com as redes sociais que contribui na busca por novos apreciadores.

As entrevistas em profundidade apresentaram uma visão prática do tema na redação de Zero Hora. O editor de esportes no impresso, Diego Araújo (2015), e a editora de esportes no online, Débora Pradella (2015), respaldam as facilidades de linguagem do *online* e as dificuldades no impresso. Quanto à profundidade do tema nas plataformas, os editores apontam o aparente baixo interesse do leitor como uma das causas. Embora, os editores ponderem que existe um nicho de público que aprecia as análises táticas de futebol. Araújo (2015) e Pradella (2015) entendem que o jornalismo *online* propicia um maior aprofundamento das questões táticas em função de facilidades de linguagem e espaço disponível para a publicação. No jornalismo impresso, os editores entendem que as pautas com conteúdo tático são sazonais e dependem de trocas de treinadores, jogadores ou sistemas de jogo.

O recorte de pesquisa qualitativo mostrou matérias aprofundadas no *online* e superficiais, em sua maioria, no impresso. Por sua vez, o recorte quantitativo mostrou que as análises táticas de futebol são exceção na editoria de esportes de Zero Hora.

Para chegar à resposta da questão norteadora, estipulou-se o objetivo geral de analisar a profundidade dos conteúdos esportivos que abordam futebol no jornalismo impresso em comparação com o jornalismo *online*. Esse objetivo contemplava o estudo de referências bibliográficas da editoria esportiva e o detalhamento sobre o *corpus* de análise das plataformas *online* e impressa de Zero Hora. O objetivo geral cumpriu-se por meio da análise do *corpus* de pesquisa que contou com orientação qualitativa. Nesse recorte, observou-se que os conteúdos táticos são superficiais em sua maioria no jornalismo impresso. Enquanto, o grau de profundidade aumenta na plataforma *online* que lida com um público específico que mostra interesse pela temática. Este recorte passou por um processo de contraste com os referenciais teóricos estudados e as entrevistas em profundidade com editores de esportes. Assim, contemplou-se a teoria e a prática quanto às análises táticas de futebol.

A monografia também se baseou em objetivos específicos. O objetivo de conceituar o jornalismo esportivo começou com uma pesquisa bibliográfica do tema e culminou na reflexão entre as ideias de diferentes autores. A definição de Barbeiro e Rangel (2006, p.13) foi citada: “Jornalismo é jornalismo, seja ele político, econômico ou social. [...] A essência não muda porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e ao interesse público.”.

O objetivo de compreender as análises táticas de futebol e seu aproveitamento foi cumprido em duas etapas. Em um primeiro momento, apoiou-se nos referenciais teóricos da área. Para Cecconi (2013), a análise tática de futebol merece ser melhor discutida na imprensa brasileira. Após, a verificação de seu aproveitamento ocorreu com orientação qualitativa no caso das tabelas 1 e 2 que estão inseridas nesta monografia. Ainda, nesse sentido, colaboraram as entrevistas dos editores de esportes de Zero Hora, Diego Araújo (2015) e Débora Pradella (2015).

Enquanto isso, o objetivo específico de investigar os motivos que distanciam o tema das pautas cotidianas do jornalismo esportivo cumpriu-se com a pesquisa de

autores, em conjunto com as entrevistas em profundidade com os editores de esporte Diego Araújo (2015) e Débora Pradella (2015).

O último objetivo específico caracterizava-se por verificar os espaços concedidos para o tema no jornalismo impresso e no jornalismo *online*. Esse objetivo cumpriu-se com as análises de conteúdo quantitativa e qualitativa que possibilitaram uma perspectiva do tema na editoria esportiva de Zero Hora.

Na fase de projeto desta monografia, levantaram-se quatro hipóteses para a resposta do problema de pesquisa. A primeira hipótese mencionava que conforme os editores, tanto no impresso, quanto no online, as análises táticas de futebol não despertam o interesse por parte do público. Essa hipótese validou-se de forma parcial. Nas entrevistas em profundidade, os editores esportivos de Zero Hora mencionaram esta falta de interesse do público e utilizaram como base as tentativas de mensurações de audiência do veículo. A editora de online Débora Pradella (2015) ponderou que a baixa procura pode ter causa no também baixo número de matérias oferecidas ao usuário.

A segunda hipótese apontava que os jornalistas esportivos poderiam não estar capacitados para escrever e opinar sobre as análises táticas de futebol. Mais uma vez, a hipótese validou-se parcialmente. Os referenciais bibliográficos como Unzelte (2009) e Cecconi (2013) destacaram que se trata de uma nova temática para ser explorada pelos repórteres esportivos. Já, os editores de Zero Hora concordaram que uma minoria está capacitada para escrever sobre o tema dentro da redação do veículo. O recorte de pesquisa mostrou conteúdos táticos aprofundados escritos por um único profissional dentro do jornal gaúcho.

A terceira hipótese sugeria que os diretores e editores das redações barram as matérias com conteúdo tático por acreditar que não repercutem no cotidiano do leitor. A hipótese não se validou. Nas entrevistas em profundidade, os editores de Zero Hora atribuíram importância ao conteúdo tático dentro do futebol, embora relatassem que apenas algumas matérias mereciam este enfoque.

A última hipótese afirmava que a linguagem do jornalismo impresso dificulta a publicação de conteúdos táticos de futebol, enquanto a linguagem do *online* facilita a abordagem por meio das ferramentas da mídia. Essa hipótese foi claramente validada. A questão encontrou respaldo em teóricos como Pinho (2003) e Ferrari (2009). Os editores de Zero Hora concordaram com a afirmativa e o recorte de pesquisa demonstrou as dificuldades do impresso em comparação com as

facilidades do *online*. Segundo Pradella (2015), “a possibilidade do vídeo é um exemplo claro de vantagem do *online*. A ferramenta possibilita, inclusive, melhor compreensão do público”.

A monografia adotou uma metodologia que construiu suas fundações com uma pesquisa bibliográfica. As análises de conteúdo também contaram com a sustentação de entrevistas em profundidade. A orientação geral da análise foi qualitativa, embora se notem alguns pontos quantitativos.

Desse modo, a monografia cumpriu sua missão de responder a questão norteadora. Além disso, as análises táticas de futebol destacam-se como um conteúdo que pode ser melhor aproveitado tanto no jornalismo impresso que busca a profundidade de conteúdos, como no jornalismo *online* que atinge nichos específicos do público. Por fim, convida-se a conhecida “pátria de chuteiras”, de Nelson Rodrigues, a revolucionar sua imprensa esportiva com conteúdos relevantes para a parcela da população aficionada pelo futebol.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Redação Científica**: elaboração do TCC passo a passo. São Paulo: Factash Editora, 2007.

ARAÚJO, Diego. **Entrevista concedida a Calebe De Boni**. Porto Alegre, 13 de mai. de 2015. Entrevista.

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica**: As técnicas do jornalismo. 4 ed. São Paulo. Ática. 1990.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**: [recurso eletrônico]/Heródoto Barbeiro; Patrícia Rangel. São Paulo: Contexto, 2006.

BARBOSA, André Filho; CASTRO, Cosette. **Comunicação digital**: educação, tecnologia e novos comportamentos. São Paulo: Paulinas, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**: Um manual prático. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação a filosofia do jornalismo**. São Paulo: EDUSP, 1992

BRAGA, A. **Usos e consumos de meios digitais entre participantes de weblogs**: uma proposta metodológica. In: Anais do XVI Encontro da Compós, na UTP, em Curitiba, PR, 2007. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_162.pdf>.

CANAVILHAS, João Messias. **Webjornalismo**: considerações gerais sobre jornalismo na web. In: BOCC - Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2001.

CECCONI, Eduardo. **Análise tática de futebol no jornalismo esportivo**. 1ª ed - Porto Alegre – Eduardo Cecconi – 2013, 1º de agosto. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/157490286/Analise-tatica-de-futebol-no-jornalismo-esportivo>
Acesso em: 13 de set. 14.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004 – (Coleção Comunicação).

DALMONTE, Edson Fernando. **Pensar o discurso no webjornalismo: temporalidade, paratexto e comunidades de experiência**. Edson Fernando Dalmonte. - Salvador : EDUFBA, 2009

DINES, Alberto. **O papel do jornal: uma releitura**/ Alberto Dines. 4.ed. São Paulo: Sumus, 1986.

DUARTE, J; BARROS, A. (Org.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 1. ed. São Paulo. Editora Atlas, 2005.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Doravante, 2001.

FERRARI, Pollyana. **Hipertexto, Hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital**. São Paulo: Contexto, 2007.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. Pollyana Ferrari – 3.ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2009 – (Coleção Comunicação).

FERREIRA, Rafael Bertulozo; PAOLI, Próspero Brum; DA COSTA, Felipe Rodrigues. **Proposta de 'scout' tático para futebol**. Buenos Aires, Março de 2008. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd118/scout-tatico-para-o-futebol.htm>
Acesso em: 15 de set. de 2014

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOODE, W. J.; HART, P. K. **Métodos em pesquisa social**. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1969.

HINE, C. **Virtual Ethnography**. London: Sage, 2000.

JOHNSON, Steven. **Cultura da Interface**: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Steven Johnson; tradução: Maria Luísa X. de A. Borges; revisão técnica, Paulo Vaz. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed., 2001

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo**. Norte e Sul. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2011.

LEAL, Julio Cesar. **Futebol: Arte e Ofício**. Rio de Janeiro: 2.ed.: Sprint, 2001.

LÉVY, Pierre. Introdução: Dilúvios. In: **CIBERCULTURA**. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1999.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1988.

VENDITE, Caroline Colucio; MORAES, Antônio Carlos. **Sistema, Estratégia e Tática de Jogo**: uma análise dos Profissionais que Atuam no Futebol. 6 de setembro de 2006. Disponível em :<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/26822072803067345075660426863194307557.pdf> Acesso em: 13 de abr. de 2015.

MESSA, Fábio de Carvalho. **Jornalismo esportivo não é só entretenimento**. In: 8º Fórum Nacional de Professores de Jornalismo. 21 abr. 2005. Disponível em: <http://www.fnpj.org.br/dados/grupos/jornalismo-esportivo-nao-e-so-entretenimento%5B169%5D.pdf> Acesso em: 13 de set. de 2014.

MIELNICZUK, Luciana. **Considerações para um estudo sobre o formato da notícia na Web: o link como elemento paratextual**. 2001. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2001_mielniczuk_linkparatextual.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2013.

MIRANDA, Luciano. **Jornalismo on-line**. Passo Fundo: UPF, 2004.

PAN, Maicon. **Webjornalismo esportivo e as especificidades determinantes de sua qualidade: um estudo de caso do blog piccolo esportivo**. Caxias do Sul, 2014 .

PAVIANI, Jayme. **Conhecimento científico e ensino: ensaios de epistemologia prática**. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.

PAVIANI, Jayme. **Epistemologia prática: ensino e conhecimento científico**. 2.ed. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2009.

PINHO, J. P. **Jornalismo na internet: planejamento e produção da informação on-line**. São Paulo: Summus, 2003.

PRADELA, Débora. **Entrevista concedida a Calebe De Boni**. Porto Alegre, 13 de mai. de 2015. Entrevista.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo?**. Clóvis Rossi. 10. Ed. Brasília: Editora Brasiliense, 1980.

SCHRAMM, Wilbur. **Comunicação de massa e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Bloch, 1970.

STUMPF, I. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, J; BARROS, A. (Org.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 1. ed. São Paulo. Atlas, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transacional. Nelson Traquina. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, porque as notícias são como são. Nelson Traquina. Florianópolis: Insular, 2004.

UNZELTE, Celso. **Jornalismo esportivo: relatos de uma paixão**. v.4. Celso Unzelte; Magaly Prado (org.) – São Paulo: Saraiva, 2009.

WARD, Mike. **Jornalismo Online**. São Paulo: Roca, 2007.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2.Ed. Porto Alegre: Bookman. 2001.

ANEXOS

ANEXO I - CD (PROJETO I, MONOGRAFIA E MATÉRIAS ANALISADAS)